

Montevideo 3 de Marzo, 2005

Queridas hermanas:
No podemos quedarnos sin compartir la alegría que vivimos, que vive el pueblo de Uruguay.

Han pasado 34 años de trabajo, de sangre, de lucha.

Once de esos años fueron de dictadura: injusticia, tortura, desaparición y muerte.

Como dice Mujica: "Vaya vida la nuestra! Ni el mejor novelista podría haber imaginado una historia así."

Ponemos algunos ejemplos:

1) Mujica, tupamaro preso durante la dictadura, fue quien, como presidente del Senado actual, pasó revista al Batallón Florida donde fue torturado.

2) Desde este cargo tomó juramento con gran respeto y altura a sus mayores opositoras (ej. Sanguinetti)

3) Nora Castro, maestra, sindicalista, también perseguida y presa, asumió como presidenta de la Cámara de Diputados votada por toda la Asamblea.

Ya se conocía su personalidad... pero todas las actitudes de Tabaré lo han agigantado.

(...)
En fin... hasta mirar la TV, ahora, alegre, a veces conmueve; anima nuestra esperanza. Este acontecimiento histórico, nos permitió sentir la fuerza de los lazos y la fraternidad solidaria a través de la presencia y las palabras de tantos representantes de nuestros pueblos latinoamericanos y del mundo.

Este es el cambio que festejamos!

(...)
El día 1º de marzo nació como un niño de ojos asombrados, a las 12 de la noche del 28 de febrero, cuando la oscuridad se llenó de luz con los fuegos artificiales que desde todos los barrios inundaron el cielo casi como si fuera Navidad.

El ruido de los cuetes nos despertó a los dormidos y nos íbamos saludando con la conciencia de estar ante una nueva etapa digna de ser recibida con tal alegría.

(...)
Sólo queremos, sí, contarles que nuestro carisma, permanentemente desafiado en estos tiempos de post modernidad y neo liberalismo, está hoy frente a un momento propicio para un encuentro de manos y corazones, de apoyo del Estado y esfuerzo personal y colectivo, de intencionalidades y posibilidades concretas, de valores que se vuelven a levantar, como la dignidad, la decencia, la igualdad, la priorización de los derechos y necesidades de los más pobres, la justicia y la verdad.

No habrá milagros.
Un alto porcentaje del pueblo, - y nosotras en él - sabemos que este caminar va en una dirección clara, pero lo hará lentamente.

Como dijo Benedetti: "Lento viene el futuro. Pero viene"

Hermanas
Julia Benítez, María Mauro

Jornais comemoram 400 anos em 2005

ZERO



Ano XX
Número 2
Curso de Jornalismo da UFSC
Florianópolis,
Março-Abril de 2005



ESPECIAL: POSSE DE TABARÉ VÁZQUEZ

URUGUAI, ENFIM, EXPULSA DIREITA



MORRE HUNTER S. THOMPSON. UM DOS PRECURSORES DO NEW JOURNALISM E PAI DO ESTILO GONZO



Aquífero de Ingleses ameaçado

Moradores e MPF são contra a causa, Costão Golf, abençoado pelos vereadores e órgãos que deveriam zelar pelo ecossistema

Jornalismo é insalubre, mas e daí?

Doenças causadas pelo excesso de trabalho são tratadas com indiferença pela maioria

Antes de dormir, a jornalista Sônia Bridi coloca uma placa na boca. É a orientação médica para evitar o ranger dos dentes causado pelo estresse da profissão. Na mesma madrugada, a editora Marinilda Carvalho traduz uma reportagem da revista britânica *The Economist*. A mão direita que digita no teclado sofre de Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e passou por uma cirurgia há nove anos. Mas Marinilda continua escrevendo, porque, assim como Sônia, gosta demais do que faz. E é aí que está o problema.

Uma pesquisa americana realizada pelo Instituto Poynter mostra que 61,8% dos jornalistas entrevistados acreditam que a profissão causa efeitos negativos à saúde. Outro estudo, realizado pela Associação Médica da China, mostra que apenas 2,4% dos profissionais pesquisados são saudáveis, ou seja, de 1182 jornalistas que trabalham em Pequim, apenas 28 não apresentaram problemas nos exames médicos - leia mais sobre essas pesquisas nos textos abaixo.

Não existem estudos recentes no Brasil sobre o tema, mas alguns dados dispersos permitem concluir que o jornalista brasileiro também possui saúde precária. O estudo *Doenças profissionais em comunicação social*, do pesquisador Sílvia Júlio Nassar, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), indica que as doenças mais frequentes estão relacionadas ao estômago, coração e coluna, além de problemas de alcoolismo e dependência química.

Outro indicio da rotina estressante está nos relatórios anuais de óbitos da categoria. Entre 1996 e 2003, um total de 64 jornalistas morreu de infarte, seguido de 23 mortes por problemas respiratórios e 21 de câncer de pulmão. São números que revelam que esses jornalistas provavelmente fumaram demais e não praticaram exercícios físicos regularmente.

Discussão e relatos pessoais- A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) promove em maio o I Encontro Nacional da Saúde do Jornalista para discutir questões como o estresse e a falta de interesse de quem trabalha com comunicação sobre questões ligadas ao seu próprio bem-estar. O diretor de Saúde da Fenaj, José Augusto Camargo, acredita que as características da profissão fazem com que os jornalistas desconsiderem os riscos do excesso de trabalho. "O fato do jornalismo ser uma profissão estimulante faz com que os profissionais neguem o risco. Eles geralmente não acreditam que algo tão empolgante pode causar problemas", destaca. O jornalista Moacir Loth lembra que, quando era editor do *Jornal de Santa Catarina* nas décadas de 70 e 80, costumava sair com os amigos de redação para relaxar. O assunto na mesa de bar era inevitavelmente o jornalismo: "O lazer acabava virando trabalho de novo", lembra.

Outros depoimentos mostram que a LER, o cansaço e dores de coluna fazem parte da rotina do jornalista (leia as declarações acima). Ricardo Boechat, comentarista do *Jornal da Band* e colunista do *Jornal do Brasil*, resume o lado desgastante da profissão. "Para mim, o jornalismo está ligado com a insônia, tabagismo, gastrite, má digestão, prisão de ventre, hipertensão, incertezas, dívidas, três separações, fadiga, depressão e um insaciável desejo de parar. Mas, toda vez, deixo para o dia seguinte". Mas o jornalismo não é apenas o desespero diário. O lado estimulante não é só maléfico, mas também compensador: "Divirto tanto com o que faço que não tenho dúvida: morrerei trabalhando como jornalista", confessa o jornalista esportivo Juca Kfourri.

Textos: Bruno Moreschi



Marinilda

Sidney

Sônia

Ricardo

Newton

Marcelo Tas

Marcelo

Juca

Males vão de insônia a crise de estafa

Marinilda Carvalho, editora executiva do sítio Observatório da Imprensa
Já tive Síndrome do Túnel do Carpo, doença causada pela LER, que me obrigou a fazer uma cirurgia na mão direita. Além disso, sofro com estresse, crise de labirintite, problemas na coluna cervical e por aí vai.

Sidney Rezende, apresentador da rádio CBN Diário de Florianópolis

Dores de coluna, dores musculares e nos pulsos fazem parte da minha rotina. Tudo por conta de cansaço, má postura e uso excessivo do computador. Para corrigir os problemas, faço RPG (Reeducação Postural Global); já fiz acupuntura e devo fazer shiatsu (um tipo de massagem japonesa).

Sônia Bridi, repórter da TV Globo
Estou ótima, fora a hiperatividade e o bruxismo, uma espécie de ranger dos dentes que me obriga a dormir com uma pla-

ca na boca. A estressante rotina do jornalista libera adrenalina e, ao invés de gastarmos isso de alguma maneira, ficamos na frente do computador escrevendo. Isso faz muito mal.

Ricardo Boechat, apresentador da TV Bandeirantes e colunista do Jornal do Brasil

Para mim, o jornalismo está ligado com insônia, tabagismo, gastrite, má digestão, prisão de ventre, hipertensão, angústia, incertezas, dívidas, três separações, fadiga, depressão e um insaciável desejo de parar. Mas, todos os dias, deixo para o dia seguinte.

Newton Carlos, jornalista especializado em assuntos internacionais

Nunca tive doença relacionada com a profissão de jornalista. Mas posso especular que sou muito tenso, porque sempre achava que não daria conta das diversas coberturas internacionais que realizei.

Marcelo Tas, apresentador da TV Cultura

Uma vez tive uma doença na mão quando passei um longo tempo diante do teclado e esqueci que tinha um corpo, uma mente e uma alma além dos pobres miolos que comandam a digitação no computador.

Marcelo Beraba, ombudsman do diário Folha de São Paulo

Enquanto bati em máquinas de escrever, nunca tive problemas. Após o computador, vieram LER, bursite e tendinite. Isso sem contar o desatino diário.

Juca Kfourri, jornalista esportivo

Eu me pergunto: será que se eu fosse médico, engenheiro ou motorista de praça seria menos estressante do que ser jornalista? Estaria mentindo se dissesse que não tenho crises de estafa e que vivo meio estressado, mas, por outro lado, me divirto tanto com o que faço que não tenho dúvida: morrerei trabalhando como jornalista.

Rotina extrapola 40 horas Estresse é base de doenças

O americano Instituto Poynter ouviu 750 jornalistas em fevereiro para realizar uma das pesquisas mais completas sobre as precárias condições da profissão. O resultado foi o retrato de um emprego instável e com rotina estressante.

Aproximadamente 65% dos jornalistas ouvidos trabalham mais de 40 horas por semana, uma média de 5,7 horas por dia, incluindo finais de semana. Mas quando chegam em casa para descansar, 45,3% levam trabalho para terminar. Dentro desse cenário de muito serviço e pouco lazer, 46,2% não tiveram férias no último ano.

Como se não bastasse trabalhar demais, o jornalista do estudo tem medo de perder o emprego. Um total de 67,2% trabalha em empresas que demitiram em massa nos últimos dois anos. Com isso, 50,9% admitem que essas demissões afetaram negativamente o seu trabalho. O resultado de tantas reclamações está no final da pesquisa, em que os jornalistas falam sobre o futuro profissional. Quase a metade, 47,2%, pensam seriamente em deixar o jornalismo o mais breve possível.



Ser ou não ser?

Um estudo realizado em janeiro com 1182 jornalistas da cidade de Pequim mostra que apenas 28, ou 2,4% dos profissionais, são considerados saudáveis. Para chegar nos resultados a Associação Médica da China realizou exames médicos nos entrevistados e concluiu que todos os jornalistas possuem doenças de estômago. A maioria das reclamações está ligada ao estresse da profissão. Um total de 84,2% sofre de exaustão crônica, 72,1% admitem sofrer pressão no trabalho, 62% não possuem sono regular e metade dos pesquisados sofre com problemas de visão e dores nas costas. A situação de saúde de 659 jornalistas mulheres preocupou os pesquisadores. Mais de 290 (44%) delas têm pelo menos uma doença de mama, como o câncer, e 197 (30%) apresentaram problemas ginecológicos. A maioria delas desconhecia essas doenças antes da realização do exame. Um último dado mostra que os jornalistas não se preocupam com a saúde. Cerca de 60% admitem que o exame realizado para a pesquisa foi o primeiro teste médico completo que fizeram em toda a vida. Após a divulgação dos resultados, o vice-diretor geral do Centro de Saúde de Pequim, Liang Wannian, se disse surpreso com a situação dos profissionais de comunicação. O governo chinês planeja realizar exames de saúde frequentes nas redações de jornais e obrigar as empresas jornalísticas a criarem um arquivo com as informações de saúde dos seus funcionários. "Jornalistas também devem se preocupar com a saúde mental, ter uma alimentação balanceada, diminuir o fumo e a bebida, além de ter férias quando estão cansados", afirma Wannian, esquecendo que nem sempre as condições de trabalho nas redações chinesas permitem tais luxos.

ZERO

ANO XX - Nº 2 - MARÇO/ABRIL/2005 - CURSO DE JORNALISMO - UFSC - CCE - JOR Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina Apoio: LabFoto, LabInfografia, LabRádio Arte: Ildo Golfetto, Mondrian, Wendel Martins Colaboração: Associação Mundial de Jornais, Emerson Gasperin, Conrad Editora do Brasil, Fernanda Bruzzone Copy-writer: Felipe Silva, Francis França, Jaqueline Li, Leandro Uchôas, Marianna Aragão, Ricardo Barreto, Sarah Castro e Thiago Macedo Direção de Arte e de Redação: Jornalista e professor Ricardo Barreto Edição: Bruno Moreschi, Emília Chagas, Francis França, Giovana Sanchez, Leandro Uchôas, Marianna Aragão, Maurício Frighetto, Robson Martins, Sarah Castro e Thiago Macedo Editoração eletrônica: Alexandre Brandão, Isadora Pamplona e Wendel Martins Editores-executivos: Alexandre Brandão, Isadora Pamplona e Wendel Martins Editores sêniores: Emília Chagas, Francis França e Leandro Uchôas Fotografia: Emília Chagas, Ivan Giacomelli, João Grandó Leandro Uchôas, Leo Miranda, Lucas Pereira, Sarah Castro e Wladimir D'Andrade Laboratório fotográfico: Bruna Marcon, Rafael de Souza Secretaria de Redação, produção gráfica e circulação: Isadora Pamplona Serviços editoriais: Organoteque Image Bank, A Notícia, New York Times on the Web, O Estado de São Paulo, Folha on-line, Observatório da Imprensa, Diário do Grande ABC on-line, Último Segundo, Dynamite on-line, Google Textos: Alexandre Machado, Bruno Moreschi, Emília Chagas, Felipe Silva, Francis França, Jaqueline Li, João Grandó, Leandro Uchôas, Lucas Pereira, Marco Britto, Marco Junqueira, Marianna Aragão, Maurício Frighetto, Robson Martins, Sarah Castro e Thiago Macedo Tratamento de imagens: Alexandre Brandão, Bruno Moreschi, Ildo Golfetto e Wendel Martins Impressão: Diário Catarinense Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-JOR), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis, SC Telefones: 55(48) 331-6599, 331-9490, 331-9215 Fax: (48) 331-9490 Sítio: www.zero.ufsc.br Webmaster: falta uma bolsa E-mail: zero@cce.ufsc.br Circulação: Nacional, gratuita e dirigida 5.000 exemplares



Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV, V e XI Set Universitário - PUC-RS
88, 89, 90, 91, 92 e 98

e-ZERO

3º Melhor
Jornal-laboratório do Brasil
Expocom 94

Melhor Jornal-laboratório
1º Prêmio Foca
Sind. dos Jornalistas de SC-2000

Mundo está mais hostil para repórter

Relatório de 2004 da CPJ revela o ano mais violento da década para exercício profissional

A situação da imprensa está piorando na maioria dos países e o número de jornalistas assassinados por razões ligadas ao exercício da profissão bateu o recorde da última década. Essa é a conclusão do Comitê de Proteção aos Jornalistas (CPJ) em seu último relatório anual, *Ataques à Imprensa em 2004*. No ano passado 56 jornalistas foram mortos enquanto trabalhavam, número que só não ultrapassou a contagem feita em 1994, de 66 homicídios contra profissionais de imprensa.

O documento foi elaborado a partir de uma pesquisa que o CPJ realiza anualmente em 90 países. Em 2004, os temas que mais chamaram a atenção do comitê foram a condição crítica em que trabalham os jornalistas iraquianos, o uso generalizado de leis anti-Estado como pretexto para prisão de vários jornalistas em países como China e Cuba e, ainda, a primeira condenação de um jornalista nos EUA nos últimos três anos.

O conflito no Iraque liderou o número de ataques à imprensa em 2004 e fez do país o lugar mais perigoso para jornalistas no ano passado. Foram mortos 23 jornalistas locais e 16 profissionais das equipes de apoio, como motoristas e intérpretes. Ao todo, 36 jornalistas e 18 profissionais de apoio foram assassinados durante o conflito no Iraque, desde março de 2003 até o final do ano passado. Desde a fundação do CPJ, em 1981, somente as guerras da Argélia, da Colômbia, dos Balcãs e das Filipinas tinham resultado em um número tão alto de jornalistas mortos em conflito.

Ex-URSS- As condições de trabalho para os jornalistas que atuam na Rússia e nas demais ex-repúblicas soviéticas também se agravaram. O assunto foi abordado na análise do CPJ e foi tema do prefácio escrito por Tom Brokaw, jornalista da NBC e membro do comitê. "O colapso da União Soviética e a ascensão da democracia e de instituições democráticas no antigo bloco comunista, incluindo a mãe-Rússia, inspiraram uma nova geração de jornalistas em lugares onde a liberdade de imprensa era considerada um crime de Estado. Agora, 15 anos depois, o brilho da época dourada vem sendo amenizada por novas realidades", crítica Brokaw no texto intitulado *Lembram de 1989?*

A repressão da cobertura da crise em Beslan, onde 339 pessoas, a maioria crianças, foram mortas por terroristas em um ginásio municipal é, para o CPJ, um exemplo da situação enfrentada pelos profissionais de imprensa na Rússia. De acordo com o CPJ, o episódio marcou um ano em que o presidente Vladimir Putin exerceu maior controle sobre a mídia, "no estilo soviético". Des-

de o colapso da União Soviética, em 1991, a Letônia, a Lituânia e a Estônia foram os únicos países do antigo bloco que conseguiram estabelecer forte tradição de liberdade de imprensa.

Prisões- Pelo sexto ano consecutivo a China lidera a lista de países que mais prendem jornalistas, com 42 profissionais encarcerados em 2004 por motivos relacionados ao trabalho. Foram presos em todo o mundo 122 jornalistas no ano passado, 16 a menos que em 2003. Os Estados Unidos chamaram a atenção por encarcerar um jornalista depois de três anos sem prisões de profissionais de imprensa no país. Trata-se de Jim Taricani, repórter da emissora WJAR, que foi condenado a seis meses de confinamento em sua casa. O crime de Taricani foi não revelar uma fonte que lhe entregou uma fita que mostra um agente do FBI subornando um oficial da prefeitura de Providence, no estado de Rhode Island.

Ao contrário dos 122 jornalistas condenados em 2004, os assassinos de jornalistas raramente são punidos. Essa é uma tendência apontada pelo CPJ e que teve continuidade no ano passado. Com exceção de nove casos, a maioria dos assassinos ficou impune no ano passado. A pior situação encontra-se nas Filipinas, onde 48 homicídios de jornalistas estão sem solução desde 1986.

América Latina- Os ataques à imprensa pioraram em 2004 nas Américas, principalmente por motivos relacionados à reportagem de corrupção política, tráfico de drogas e crime organizado. Segundo o relatório do CPJ, "os direitos democráticos vem se expandindo na região, mas nem sempre isso resulta em maior liberdade de imprensa". A Colômbia é exemplo dessa contradição. Nenhum dos oito jornalistas assassinado nas Américas foi morto no país. Ao mesmo tempo em que isso faz de 2004 o primeiro ano livre de mortes de profissionais de imprensa na Colômbia, é também resultado de uma repressão à mídia que perdura muito tempo. Segundo os jornalistas locais, isso reflete uma cultura de auto-censura a que os profissionais se colocam para



evitar represálias, principalmente no interior do país.

No restante da América Latina os repórteres que cobrem questões tidas como delicadas foram perseguidos. No Brasil, no México, na República Dominicana, no Peru e na Nicarágua, profissionais foram assassinados devido a reportagens. Para o CPJ, a violência insurgente na região tem relação direta com a falta de controle governamental sobre vastas áreas de países latino-americanos.

Brasil- O comitê de proteção aos jornalistas relacionou o projeto de lei para criação do Conselho Federal de Jornalismo e a intenção de expulsar Larry Rohter, correspondente do *The New York Times*, como fatos que realçaram a tensão entre a mídia brasileira e o governo Lula. O CPJ classificou a proposta de criação do Conselho de Jornalismo como "controversa", e relaciona o apoio que a Federação Nacional de Jornalistas

(Fenaj) deu ao projeto ao fato de membros da Federação serem filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT). "Enquanto oficiais do Governo e membros da Fenaj reclamavam a necessidade de regras mais rígidas para garantir a precisão das informações, muitos dos principais jornais e jornalistas denunciavam a lei, alegando que alguns de seus apoiadores eram jornalistas filiados ao Partido dos Trabalhadores", relata o CPJ em um trecho do relatório.

Para o comitê, o Brasil continua sendo um lugar perigoso para jornalistas, que freqüentemente viram alvos por denunciar criminosos, políticos corruptos e traficantes de drogas. Foi por denunciar um suposto criminoso que o locutor de rádio José Carlos Araújo foi assassinado na cidade de Timbaúba, nordeste de Pernambuco (PE). Em 24 de abril, dois homens armados fizeram uma emboscada e atiraram em Araújo em frente a sua casa. Quatro dias depois a polícia capturou um dos suspeitos, Elton Jonas Gonçalves de Oliveira, que alegou ter matado o jornalista porque Araújo, em seu programa na rádio local, o teria acusado de ser um criminoso.

Emília Chagas

EXCLUSIVO

Jornalismo impresso faz 400 anos em 2005

Descoberta do francês *Relation*, editado em 1605, muda história da era de Gutenberg

O primeiro jornal impresso do mundo, o francês *Relation*, completa 400 anos em julho de 2005. Nesse mês o Museu Gutenberg, em Mainz (Alemanha), especializado na arte da impressão, vai organizar uma exibição da história do jornal impresso e dos aspectos fundamentais de seu desenvolvimento nos últimos séculos, da comunicação jornalística diária à história das técnicas de impressão, à distribuição e ao impacto da imprensa. As comemorações vão de julho a dezembro deste ano e incluem a realização de um simpósio internacional sobre o assunto.

Apesar de algumas controvérsias sobre onde e quando surgiu o primeiro jornal, investigações recentes sugerem que o marco do nascimento dos jornais deve ser antecipado de 1609 (data das primeiras edições impressas preservadas até hoje) para 1605. O Museu Gutenberg afirma que o certificado de nascimento do *Relation* estava nos arquivos da cidade de Estrasburgo, na França.

Martin Welke, fundador do Museu Gutenberg e autor da descoberta, junto com o professor Jean Pierre Kintz, historiador de Estrasburgo, disse que o editor do *Relation* foi Johann Carolus, que dedicou sua vida no século XVII a produzir boletins de notícias escri-

tos à mão e vendidos a ricos assinantes. Carolus reproduzia as informações que chegavam a ele por uma rede de correspondentes contratados.

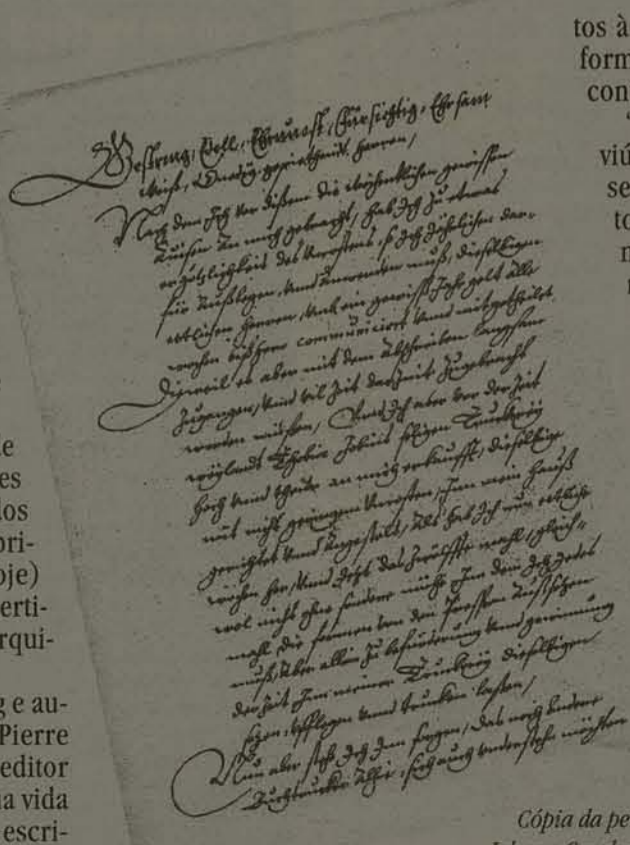
"Em 1604, ele comprou uma loja de impressão completa da viúva de um famoso impressor. No verão de 1605, ele substituiu seus antigos boletins por impressos porque 'copiar à mão lhe tomava muito tempo'. Carolus também calculou que podia ganhar mais dinheiro imprimindo uma tiragem maior por preços mais baixos", conta Welke.

A prova do surgimento do *Relation* é uma petição que Carolus escreveu para o Conselho da Cidade de Estrasburgo em outubro de 1605, pedindo proteção contra cópias do boletim. Nesse documento, ele descreveu a técnica que usava no jornal: colocava-o em tipos e imprimia os exemplares para as 12 semanas seguintes. "Nosso Comitê Executivo examinou todos os fatos e está convencido de que a história é verdadeira", afirma Timothy Balding, diretor-geral da Associação Mundial de Jornais (WAN na sigla inglesa).

A AMJ participará do simpósio que o museu está organizando. O aniversário do *Relation* será comemorado no Congresso Mundial de Jornais, que reúne mais de mil editores, chefes de redação e outros executivos veteranos de jornais de todo o mundo.

Saiba mais <http://www.wan-press.org/seoul2005>

Sarah Castro



Cópia da petição de Johann Carolus (1605)

Costão Golf ameaça meio ambiente

Empreendimento pode contaminar de modo irreversível o Aquífero de Ingleses

Em dois anos e meio, as mais de 130 mil pessoas que vivem no norte da Ilha de Santa Catarina podem começar a desenvolver câncer gástrico. Este é o prazo estimado pelo estudo da geógrafa Eliane Westarb e da engenheira química Cristina Nunes para que a água do Aquífero de Ingleses, que abastece a região e fertilizantes que o empreendimento Residencial Costão Golf despejará no solo para tratar o grama do campo de golfe. Em bebês de até um ano de idade o nitrato causa cianose infantil, doença que elimina o oxigênio do sangue e mata por asfixia.

O lançamento oficial do Costão Golf, no dia 18 de dezembro de 2004, foi programado com uma grande festa ao ar livre, mas precisou ser transferido para dentro do Costão do Santinho Resort por causa dos protestos. Membros da União Florianopolitana de Entidades Comunitárias - Ufec (que representa cerca de 100 associações e conselhos comunitários da Capital), do Fórum da Cidade e do Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Social (Nessop), da Universidade Federal de Santa Catarina, distribuíram um manifesto e um abaixo-assinado contra o empreendimento.

O Estudo de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) elaborado pela Caruso Jr. Estudos Ambientais Ltda., empresa contratada pelo empreendedor Fernando Marcondes de Mattos, não apresenta dados para simulação ou soluções caso o aquífero seja contaminado. Mesmo assim, o projeto do empresário recebeu a licença da Fundação do Meio Ambiente (Fatma). De acordo com Ricardo Daniel Aguiar, que desenhou o Costão Golf, é possível evitar a contaminação do solo e da água com a aplicação de agrotóxicos de "liberação lenta". Mas, para a geógrafa Eliane Westarb, mesmo que haja controle nos processos, o aquífero não tem proteção. "O campo de golfe é uma atividade altamente poluente, e o Aquífero de Ingleses é diferente do Aquífero Guarani, que tem uma camada de rocha e argila para protegê-lo da contaminação. Da superfície até 80 metros de profundidade, o Aquífero de Ingleses é apenas areia altamente permeável", alerta.

Fernando Marcondes de Mattos rebateu dizendo que o Aquífero de Ingleses tem riscos de contaminação muito maiores hoje, sem o campo de golfe. "Os verdadeiros riscos do aquífero são a contaminação pelos esgotos particulares sem controle, pela salinização", diz. No caso do excesso de nitrato, Marcondes afirma que o controle "será feito imediatamente através da irrigação e da dose de aplicação dos adubos nitro-

genados, aplicando um fertilizante de menor solubilidade". Mesmo assim, a hipótese é subestimada. A equipe técnica do Costão Golf afirma que não há risco algum de contaminação do Aquífero de Ingleses. "Somente um acidente, atos de sabotagem ou terroristas poderiam gerar esta contaminação", alega Marcondes.

O parecer do geólogo Luiz Fernando Scheibe sobre a vulnerabilidade do Aquífero de Ingleses, no entanto, confirma a opinião de Eliane Westarb e mostra que o Costão Golf ocupará uma área de vulnerabilidade classificada como "muito alta". O estudo de Scheibe sugere ainda que, mesmo que o empreendedor prometa todos os cuidados para a área específica do campo de golfe, não há como garantir que os proprietários de cada um dos 181 lotes colocados à venda terão a mesma preocupação.

O residencial Costão Golf é um empreendimento caro e trabalhoso. O investimento total é de cerca de R\$ 25 milhões em uma área de 570 mil metros quadrados que fica acima do Aquífero de Ingleses. Para quem puder pagar, serão oferecidos todos os sofisticados serviços e equipamentos existentes nos melhores campos de golfe do mundo.

Caminho sem volta- Cristina Nunes, que apresentou, junto com Eliane Westarb, um artigo sobre a vulnerabilidade do Aquífero de Ingleses no 1º *Simpósio de Recursos Hídricos do Sul*, em Santa Maria/RS, entre os dias 23 e 26 de março, afirma que, se os resíduos químicos do Costão Golf atingirem o aquífero, a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casan) não terá como recuperar o lençol freático. "É quase impossível descontaminar águas subterrâneas, e seria preciso retirar toda a água para tratá-la", avalia Nunes, que é doutoranda do Laboratório de Remediação de Águas Subterrâneas da UFSC.

No dia do lançamento do Costão Golf, Fernando Marcondes de Mattos publicou uma nota publicitária no jornal *A Notícia*, afirmando que o empreendimento "não irá



Hartmann: pede paralisação das obras e não vai conceder acordo

utilizar produto agrotóxico nos gramados ou jardins". Entretanto, o EIA/RIMA apresentado pela empresa contratada por Marcondes e a licença ambiental concedida pela Fatma citam o uso de fertilizantes e pesticidas no tratamento do campo de golfe. Marcondes defendeu-se reafirmando que os produtos utilizados no Costão Golf não são agrotóxicos. "Ninguém usaria agrotóxicos. São agroquímicos", diz ele.

A Ufec entrou com um processo no Procon por propaganda enganosa e encaminhou a denúncia ao Ministério Público Federal. Segundo a Procuradora da República Analúcia Hartmann, o MPF ingressou no dia 31 de março com uma ação civil pública pedindo a imediata interdição da obra. "Não haverá acordo com o Costão Golf. Estamos convencidos dos riscos que o empreendimento oferece ao aquífero", diz a procuradora.

DE ÚLTIMA HORA

MPF pede paralisação

No dia 6 de abril o Ministério Público Federal (MPF) protocolou uma ação civil pública pedindo a imediata paralisação das obras do Residencial Costão Golf, sob multa de R\$ 200 mil. Analúcia Hartmann, procuradora da República pede ainda a suspensão da licença ambiental da Fatma e dos alvarás concedidos pela prefeitura. O MPF entrou com a ação na Justiça Federal após receber um abaixo-assinado com 2,5 mil nomes. A procuradora também questiona as propostas levadas à Câmara de Vereadores em relação a mudanças no zoneamento para adaptar a região ao projeto do empreendimento.

Conivência da Câmara foi na madrugada de domingo

O Poder Legislativo de Florianópolis provou que pode ser bastante eficiente, quando quer. A Lei Complementar 133, que viabiliza a construção do Residencial Costão Golf, por exemplo, foi votada à meia-noite e meia do dia 14 de dezembro de 2003, domingo, após tramitar por dois meses e com apenas uma audiência pública convocada.

A LC-133 foi sancionada pela ex-prefeita Ângela Amin nove dias depois e alterou o zoneamento da área em que fica o empreendimento de Fernando Marcondes de Mattos. A lei também autoriza a construção de um teleférico "de caráter público e acesso tarifado" ligando o Costão Golf ao Costão do Santinho Resort sobre as dunas dos Ingleses, área de preservação permanente. Além dos dois empreendimentos, fica a cargo de Marcondes a formação do Parque Municipal das Dunas dos Ingleses e Santinho e um Centro de Educação Ambiental, em convênio com a prefeitura e uma universidade local. A lei prevê ainda a retirada de moradores do local, conhecido como "Favela do Siri".

No dia em que foi aprovada a Lei Complementar, na última sessão do ano, Fernando Marcondes de Mattos estava tranqüilo. "Ele parecia um representante da Câmara, tinha acesso a todos os gabinetes", disse o ex-vereador Lázaro Bregue Daniel (sem partido).

Para o ex-vereador Nildão Freire dos Santos (PCdoB), a aprovação do projeto era ponto pacífico. "O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) assessorou Marcondes a 'passar' o projeto. Naquele período, algumas sessões na Câmara foram canceladas por falta de quórum. Depois descobrimos que era porque vereadores e técnicos do IPUF estavam reunidos no Costão do Santinho", lembra.

O projeto para a implantação do Costão Golf foi encaminhado à Câmara de Vereadores pela ex-prefeita Ângela Amin em 23 de outubro de 2003. A Audiência Pública para discutir o projeto foi marcada "de sopetão", segundo Nildão, para o dia 8 de dezembro, Dia da Justiça e feriado no Ministério Público. "Foi um circo montado para não haver questionamento", diz o ex-vereador.

Isenção fiscal- Pouco antes das eleições municipais em 2004, a Prefeitura Municipal encaminhou à Câmara de Vereadores um projeto de Lei Complementar "providencial" para o Costão Golf. A LC-150/2004, sancionada em 5 de outubro, define que, "independentemente de sua localização no município, as áreas esportivas ao ar livre poderão beneficiar-se da isenção de até 100% do IPTU, mediante avaliação do uso efetivo pelos órgãos competentes da Prefeitura".

A lei federal de responsabilidade fiscal (Nº 101/2000) só permite processos de isenção ou abatimento fiscal quando houver fonte compensatória para o benefício. No caso da LC-150, essa fonte é o atendimento de crianças e adolescentes de baixa renda em programas de esporte. Para Nildão, a LC-150, mascaradamente, foi feita para o Costão Golf. "Há um jogo de faz-de-conta em tudo isso. Sobrevoe a Ilha de Santa Catarina e procure quantas áreas como as descritas na lei existem, além do Costão Golf", denuncia.

Os trâmites da viabilidade do Costão Golf no âmbito estadual também correram sem obstáculos. A Audiência Pública para discutir o Estudo de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) foi realizada no dia 16 de agosto de 2004 com o auditório lotado e os manifestantes do lado de fora. Em 5 de novembro, a Fatma aprovou o EIA/RIMA elaborado pela empresa contratada por Marcondes.

Para Márcio Porto, do Fórum da Cidade, apesar de legal, a maneira como as licenças são concedidas não garante a segu-

Campos de golfe já poluíram água e solo em Portugal

Experiências realizadas em outros países comprovam o potencial de contaminação dos campos de golfe. Na região do Concelho de Albufeira (Algarve), um inventário sobre a água, divulgado pelo governo português em 2004, mostra a preocupação de ambientalistas sobre a degradação da água. O estudo de Impacto Ambiental de um campo de golfe no Parque Desportivo de Aveiro (Algarve), revela que o empreendimento tem implicações negativas no solo e na água. Um estudo da Universidade do Algarve revela que os produtos utilizados na construção e manutenção dos campos de golfe (fertilizantes e pesticidas) podem contaminar a água, mesmo que essas atividades tenham um controle rígido na aplicação dos agroquímicos. A avaliação com base em valores de concentração de nitratos registrados nos poços do Algarve concluiu que, dos 64 poços analisados, em 10 já foram registradas concentrações superiores ao valor máximo admissível.

rança do meio-ambiente. "As empresas que fazem a análise de impacto ambiental também dão consultoria aos empreendedores, e geralmente só recebem a segunda metade do dinheiro quando e se o projeto for aprovado", elucida.

Papel da UFSC- Por recomendação do Ministério Público, o Costão Golf firmou uma parceria através da Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (Fesc) com três laboratórios da Universidade Federal de Santa Catarina. O Laboratório de Solos do Departamento de Engenharia Rural, segundo o professor responsável pela equipe, Darci Trebien, cuidará das análises químicas da fertilidade do solo. O Laboratório de Fitopatologia, do Centro de Ciências Agrárias, fará a gestão de pragas com análise prévia das mudas e monitoramento do gramado.

O Laboratório de Análise da Água, do Departamento de Engenharia Sanitária, fará análises periódicas do Aquífero de Ingleses. De acordo com o professor Sebastião Soares, chefe do departamento, a equipe da UFSC não faz parte do projeto, fará apenas o monitoramento em caráter de atividade extra-classe. Segundo o professor William Matias, responsável técnico pelos estudos, será feita uma análise refinada e séria, mas sem compromisso com os resultados. "Nosso papel é informar as condições da água. O que será feito se houver contaminação fica a cargo dos empreendedores", enfatiza.

Textos: Francis França

Crime ambiental é prática comum

Governos têm histórico de vista grossa para empreendimentos de Marcondes

Os empreendimentos de Fernando Marcondes de Mattos já possuem um histórico de irregularidades ambientais. As licenças da Fundação do Meio Ambiente (Fatma) para construir o Costão do Santinho Resort, na década de 90, foram expedidas mesmo sem a apresentação dos Estudos de Impacto Ambiental.

De acordo com a reportagem publicada pelo jornal *Já Porto Alegre*, em 1996, o projeto Costão do Santinho recebeu tratamento especial pela Fatma. As licenças ambientais para a execução do projeto foram expedidas no tempo recorde de pouco mais de um mês após o pedido e, na agência regional da Fundação, que cuida e administra os recursos naturais na capital, não há registros do projeto. "Ele foi parar na direção geral do órgão, isso não é o trâmite normal", teria informado uma fonte da Fatma.

Na época, Fernando Marcondes de Mattos disse ao *Já Porto Alegre* que "não havia nenhuma necessidade de

Relatório de Impacto Ambiental". Em relação ao processo movido pelo Ministério Público para embargar a obra, Marcondes falou que se considera "a maior autoridade em turismo de Florianópolis" e que "não é a dona Analúcia [Analúcia Hartmann, procuradora da República em Santa Catarina] que vai me dizer o que eu devo fazer".

Em uma vistoria feita em janeiro de 1996, uma equipe técnica do Ibama concluiu que o empreendimento não reunia condições legais para prosperar. De acordo com o relatório, "os procedimentos do empreendedor no local desrespeitaram a legislação ambiental em vigor, especialmente a Lei nº 4471/65". O Ibama/SC foi ordenado a autuar os empreendedores e a embargar a obra, encaminhando o processo ao Ministério Público Federal.

O *Já Porto Alegre* registrou que era difícil identificar todas as mudanças ocorridas no projeto desde a expedição da primeira licença ambiental em 1989, já que tanto a Fatma, quanto a Secretaria de Urbanismo e Serviços

Públicos da Prefeitura (SUSP) não têm acompanhado a construção e funcionamento do complexo turístico. "Não há disponibilidade de recursos humanos e físicos e também não é interessante politicamente fazer este acompanhamento", admitiu Albertino Ronchi, chefe do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da SUSP na época.

Quanto ao laudo dos fiscais do Ibama constatando que a Santinho Empreendimentos Turísticas S.A. estava destruindo a vegetação de encosta de morro, Marcondes disse ao *Já Porto Alegre* que estava "impedindo a devastação, porque antes de eu comprar isso, esse morro servia pro pessoal cortar lenha, pra acampar, pra fazer bagunça, destruíam o morro". Na entrevista de 25 de abril de 1996, Marcondes disse ainda que "o morro vai ficar 90% igual, nós só vamos colocar um batonzinho pra embelezar a paisagem".

Saiba mais:

www.ufsc.br/latinidad/ja_online/santo.html

Para empresário, campo de golfe é inofensivo

Marcondes afirma que só atos de sabotagem poderiam contaminar o aquífero

Fernando Marcondes de Mattos começou a carreira como professor de Economia na UFSC. Depois de passar pelos cargos de secretário de Planejamento de Florianópolis e secretário Estadual da Fazenda, construiu o Costão do Santinho Resort e agora se prepara para a realização de seu novo empreendimento, o Residencial Costão Golf. Filiado ao PFL, Marcondes já foi presidente de entidades como a Câmara de Turismo da Federação das Indústrias de Santa Catarina e do Fórum Permanente de Turismo de Florianópolis, e atualmente é presidente da Inplac, uma das maiores empresas de embalagens plásticas flexíveis do Brasil. Na entrevista, dada por e-mail e por intermédio de seu assessor, Silvio Elias, Mattos fala sobre a construção do Residencial Costão Golf e sobre as acusações de contaminação do Aquífero de Ingleses. Aveso às críticas e pareceres técnicos, ele defende que "os campos de golfe são os melhores amigos do meio-ambiente".

Z Como você responde às críticas feitas por entidades comunitárias e políticas ao seu empreendimento?

FMM- As críticas são naturais num processo de implantação de projetos inovadores. É bom saber que existe bastante gente preocupada com o futuro do nosso planeta, com o meio ambiente, enfim, com o mundo que deixaremos para nossos filhos e netos. Nós também nos preocupamos com isso, pois não medimos esforços para garantir que o Costão Golf não provoque nenhum impacto ambiental, social ou econômico de forma negativa.

Z- Você acredita que uma ação do Ministério Público Federal possa prejudicar o empreendimento?

FMM- Eu diria que seria até um contra-senso, uma vez o próprio Ministério Público acompanhou todos os estudos que deram origem à LAP e a LAI que regulamentam a autorização de implantação do Costão Golf.

Z- Estudos geológicos afirmam que é impossível garantir a não contaminação do Aquífero de Ingleses. Como o Costão Golf pretende resolver este problema?

FMM- Não há risco algum de contaminação do Aquífero de Ingleses pelo Costão Golf. Somente um acidente ou atos de sabotagem ou terroristas poderiam gerar esta contaminação. Riscos, estes, que existem independentemente do Costão Golf. De qualquer forma, quaisquer problemas serão prontamente solucionados com os monitoramentos periódicos e o controle permanente das quantidades dos produtos utilizados e o remanescente em estoque. Além disso, os estudos geológicos não contemplam nossas ferramentas mais importantes para evitar qualquer risco de contaminação dos aquíferos que são: 1- O gramado formado será formado por grama 100% nativa - que favorece a infiltração das chuvas e impede a erosão - com suas raízes de até 1 metro de profundidade e com uma trama densa nos primeiros 40cm, formam o mais importante filtro natural conformado pela biosfera integrada pelos mi-

croorganismos e raízes, o que resulta num altíssimo poder de absorção e adsorção, onde as moléculas complexas são mineralizadas e decompostas. 2-Nosso profissionalismo na manutenção desse filtro natural aplicando um manejo integrado das pragas (MIP) que contempla, antes do uso dos agroquímicos, controles mecânicos e biológicos, estudos específicos das pragas e sua distribuição no campo, uso de produtos específicos nas épocas específicas e em doses controladas, uso de adubos de liberação controlada, em que as raízes vão absorvendo-o de acordo com suas necessidades, aplicações preventivas de herbicidas e fungicidas com doses mínimas e específicas e adubações nos greens com colheitas diárias para evitar excessos nas fertilizações. 3- Monitoramento periódico. Por fim, gostaríamos de comentar que os estudos geológicos não contemplam o gramado, nem quais adubos e agroquímicos serão utilizados, das concentrações e residualidade dos produtos, da importância das raízes e dos microorganismos em todo este processo que se alimentam dos nitratos, capturando-os e não permitindo que estes se aprofundem no solo.

Z- Em caso de contaminação, que procedimentos serão executados para remediar o problema?

FMM- A contaminação do aquífero não é possível em condições de trabalho. Como dissemos, somente um acidente ou atos de sabotagem ou terroristas poderiam gerar esta contaminação e os nossos procedimentos são os seguintes: Em caso de acidente, este será atendido antes de qualquer possibilidade de chegar até o aquífero porque será observado na água das lagoas, as quais são nossos postos de observação, onde todo o excesso da água chega antes através das drenagens dos greens (áreas mais densamente tratadas com agroquímicos e fertilizantes e que representam 1,5% da totalidade do terreno). No caso de um eventual excesso de nitrato, o controle é feito imediatamente através da irrigação e da dose de aplicação dos adubos nitrogenados, modificando-se para outro de menor solubilidade. Se a contaminação for por sabotagem, as medidas ime-



Mattos: defende o indefensável

Agroquímicos são mais perigosos ao meio ambiente e à saúde humana do que agrotóxicos

Agrotóxicos e agroquímicos têm uma diferença entre si: o acréscimo de fertilizantes - produtos utilizados para o desenvolvimento das plantas. Os agrotóxicos são compostos de pesticidas para combater pragas nas lavouras. Os agroquímicos têm, além dos pesticidas, os fertilizantes, perigosos para o meio ambiente e para a saúde humana. De acordo com Osmar Volpato, engenheiro agrônomo da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), os agroquímicos podem ser extremamente nocivos, principalmente se forem do tipo nitrogenados, compostos de nitratos (como os que são utilizados no Costão Golf), que podem causar câncer e cianose infantil.

diatas corretivas dependerão das características da sabotagem. Citamos como, o uso do carvão ativado para absorver e adsorver todo excedente do produto agente desta ação.

Z- Por que a matéria veiculada pelo Costão Golf no dia 18 de dezembro de 2004, no jornal A Notícia, afirmou que não seriam utilizados agrotóxicos nos gramados ou jardins se o estudo de impacto ambiental realizado pela Caruso Jr. Estudos Ambientais Ltda. prevê a aplicação de fertilizantes e pesticidas?

FMM- Aqui existem algumas informações equivocadas: não são agrotóxicos, ninguém usaria agrotóxicos. São agroquímicos. Na matéria citada, a afirmação que não seriam utilizados "agrotóxicos", tem a ver com que não seriam utilizados agroquímicos que contaminem o aquífero ou o meio ambiente.

Z- Como garantir a segurança do Aquífero de Ingleses se não foram feitas análises de risco ou simulações?

FMM- O Aquífero de Ingleses tem risco de contaminação muito maior hoje, sem o campo de golfe, do que com o manejo profissional de produtos aplicados com acompanhamento e monitoramento ambiental, como será no Costão Golf. Os verdadeiros riscos do aquífero são a contaminação pelos esgotos particulares sem controle, pela salinização, pelo descontrole das urbanizações e pelas ocupações irregulares. Os moradores do Costão Golf vão utilizar a mesma água que vai ser utilizada pelo resto da população da área. Como poderia ser de nosso interesse contaminar as águas que nós mesmos iremos beber o resto de nossos dias? A garantia da segurança ambiental no campo de golfe e no condomínio é dada pelo gramado e suas raízes que produzem o melhor filtro natural junto à biosfera, o manejo profissional desse gramado para que fique cada vez mais eficiente e produtivo, o monitoramento e estudo permanente das novas alternativas cada vez mais eficientes no controle de pragas e pestes. Os campos de golfe são os melhores aliados do meio ambiente.

Textos: Francis França

Plano do IPUF para Campeche é ilegal

Proposta oficial organiza ocupação irregular e incentiva especulação imobiliária

A votação dos projetos de lei que modificam o zoneamento da região do Campeche foi impedida pela quarta vez em 16 anos de discussões que envolvem a comunidade, o IPUF, a Câmara de Vereadores e a Prefeitura. Depois de reuniões entre a Associação dos Moradores do Campeche (Amocam) e o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), de manifestações populares e de uma assembléia comunitária a tramitação da matéria foi suspensa. Uma decisão do juiz da 2ª Vara da Fazenda da Comarca de Florianópolis, Domingos Paludo, impede que o projeto do Plano Diretor do Campeche seja votado na Câmara de Vereadores até que seja julgada a apelação feita pela Amocam e pela União Florianopolitana das Entidades Comunitárias. No mesmo dia 5 de abril, o Executivo Municipal solicitou à Câmara a devolução do Plano Diretor.

A Câmara Municipal retomou as discussões sobre o plano no mês de março, depois que foi derrubada a liminar judicial da Vara de Feitos da Fazenda da Capital que suspendeu no ano passado a tramitação dos 14 projetos de lei que compõem a matéria. Na semana seguinte, o Plano Diretor foi entregue ao prefeito Dário Berger (PSDB) e aos vereadores. Caso não houvesse manifestação contrária da prefeitura, os projetos de lei seriam votados a partir de 11 de abril.

O Plano de Desenvolvimento da Planície Entremares, elaborado pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), propõe organizar a ocupação irregular e estimula o turismo e a construção civil, preparando os dez bairros da região para abrigar, em 20 anos, uma população de 330 mil pessoas, oito vezes maior que a atual. Para representantes da comunidade e procuradores dos Ministérios Públicos Federal e Estadual, as modificações sugeridas seriam responsáveis por um impacto ambiental capaz de gerar o colapso ecológico, com a poluição do lençol freático e a destruição de fauna e flora, e pelo fim dos hábitos de vida em uma área ainda considerada rural. Mesmo antes da solicitação da Prefeitura para que a matéria fosse retirada, o presidente do legislativo municipal, Marcílio Ávila (sem partido) apontava para algumas modificações que poderiam ocorrer no projeto original do IPUF, enviado à Câmara em 1992. "O plano está defasado. A estrutura do Campeche se modificou bastante, principalmente devido às invasões, e o plano deve ser adequado à nova realidade", diz.

Plano infringe leis- Analúcia Hartmann, procuradora da república do Ministério Público Federal, constata outros problemas no plano diretor. "O Plano de Desenvolvimento da Planície Entremares infringe leis ambientais, principalmente a Constituição Federal e o Código Florestal", avalia. Na análise da procuradora, o impacto ambiental que seria causado pela execução do plano diretor é incompatível com a manutenção e melhoria da qualidade de vida para as atuais e futuras gerações, conforme prevê a Constituição Federal de 1988 e a Política Nacional de Meio Ambiente (Lei 6.938/81). Já o possível aterramento de parte do manguezal do Rio Tavares e a construção de uma via costeira que passaria sobre o campo de dunas representam infrações ao Código Florestal (Lei 4.771/85). Sobre as acusações, o IPUF alega que o plano respeita todas as áreas de preservação permanente, mas não aplica de forma estrita "legislações questionáveis e não demarcadas". "Uma das vias planejadas passa no pé das dunas. Mesmo que o IPUF não considere que sejam dunas, aquela é sim área de restinga", contesta a procuradora. Caso o plano venha a ser aprovado, a Procuradoria da República do Ministério Público Federal encaminhará uma Ação Civil Pública contrária à sua implantação.

O plano diretor define os limites de áreas que podem ser ocupadas e construídas pela administração pública, por empresários e pelos moradores, bem como o máximo de andares que os prédios podem ter em determinados locais. Também define como o solo deve ser utilizado, estipula por onde passarão as estradas e avenidas, distribui a localização das residências, hotéis, postos de saúde e escolas. O Plano de Desenvolvimento da Planície Entremares compreende os bairros Campeche, Rio Tavares, Carianos, Aeroporto, Fazenda do Rio Tavares, Porto da Lagoa, Morro das Pedras, Alto Ribeirão e Tapera. Trata-se ao todo de uma área de 65 quilômetros quadrados, sendo que 26% dela é de preservação permanente.

O plano do IPUF divide a região em 14 bairros, chamados de Unidades Espaciais de Planejamento (UEPs), que são grandes qua-



Maquete do IPUF prevê "cidade" de 300 mil pessoas dentro da Planície Entremares

dras separadas pelo cruzamento de avenidas de 30 a 40 metros de largura. Toda a área será contornada por vias expressas que evitariam o tráfego de veículos pesados dentro dos bairros. Também está prevista a criação de três grandes setores hoteleiros na Lagoa da Conceição, Morro das Pedras e na área central do Campeche, ao final da avenida Pequeno Príncipe, em frente ao principal acesso à praia. Segundo Amilton Vergara de Souza, arquiteto do IPUF, o plano diretor vai organizar a urbanização que já vem ocorrendo na região. "A aprovação dos projetos vai evitar que a urbanização ocorra de forma caótica, porque se continuar como está, toda a região vai se tornar uma semi-favela. Depois que o problema estiver instalado, será muito mais difícil resolver", argumenta. "O atraso com a interrupção da tramitação do plano no legislativo já causou prejuízos demais para quem quer investir e para quem reside no local", alerta.

Os representantes dos moradores acreditam que prejuízos ainda maiores seriam causados com a execução das obras previstas pelo IPUF. Para a professora Teresa Barbosa, do "Movimento Campeche Qualidade de Vida", o plano não prevê as necessidades dos moradores. "O IPUF previu a construção de um enorme pólo tecnológico, de um campo de golfe e de um autódromo internacional na área do cone de ruído do aeroporto. Realmente, é tudo que a comunidade precisa", ironiza. "Queremos qualidade de vida, áreas de lazer, escolas e ruas com calçamento", diz. A professora ainda acusa o IPUF de privilegiar os empresários em detrimento dos moradores. "Uma das avenidas previstas passa por cima da favela das Areias enquanto desvia de hotéis que ocupam grandes áreas", critica. Além disso, o plano prevê a transferência da população de baixa renda que ocupa áreas próximas à praia para o cone de ruído do aeroporto, deixando a área próxima ao mar livre para a construção de hotéis.

A Associação de Moradores do Campeche (Amocam) é contra o plano diretor desde 1989, quando o IPUF apresentou um esboço do projeto pela primeira vez. Na época, a comunidade já começava a reclamar sua participação na elaboração do planejamento e a exigir que



Albino: único apoio



Ávila: reavaliando...

de pesca e navegação. Entre outras propostas também está a criação de um jardim botânico na região e de um parque florestal no Morro das Pedras.

Falta d'água- O planejamento do uso do solo, subsolo e água feito pela comunidade prevê que a Planície Entremares abrigue cerca de 100 mil pessoas nos próximos anos. O limite de ocupação dos dez bairros da região, segundo a professora Teresa Barbosa, é de 147 mil pessoas, metade da população prevista no plano do IPUF. Este é o número máximo de moradores que poderiam ser atendidos com água potável, segundo documento enviado pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casan) para a Amocam na época da elaboração do plano alternativo.

A água que abastece a região vem do lençol freático e é distribuída pelo Sistema de Abastecimento de Água Costa Leste/Sul. Caso o plano do IPUF seja aprovado, os representantes da comunidade e técnicos temem as possibilidades de poluição da água do subsolo pelos esgotos domésticos ou o esgotamento do lençol freático com a impermeabilização do solo, que dificultaria a recarga pela água da chuva. Outra preocupação é com o destino da Lagoa da Chica, tombada como patrimônio natural e paisagístico da cidade, que aparece nos mapas do IPUF entre duas vias de 40 metros de faixa, cada. "Eles [IPUF] podem até prever o aumento da capacidade dos reservatórios, mas não podem produzir mais rios ou mais chuva", afirma Teresa Barbosa. Segundo o IPUF, estão previstas no plano diretor três estações de tratamento de esgoto para evitar a poluição do solo e a sua impermeabilização não ocorrerá, já que as vias e edificações ocupam 32% da área planejada. O instituto também garantiu que a Lagoa da Chica não seria aterrada para a construção de uma rótula e que sua proteção está prevista no plano.

Antes da suspensão da tramitação dos projetos de lei, a vereadora Angela Albino (PCdoB) já buscava a articulação com outros parlamentares para que o projeto substitutivo ganhasse força na Câmara. "O plano diretor do IPUF é nefasto, só favorece a especulação imobiliária", avalia. Porém, Marcílio Ávila (sem partido), presidente da Câmara de Vereadores, adiantou que o plano alternativo não será analisado. "Quem tem autonomia para sugerir um plano diretor é o executivo, não a Câmara ou os vereadores", afirma. A partir da devolução do projeto original para o Executivo, foi formada uma comissão para rediscutir o projeto original em conjunto com a comunidade e formular um terceiro Plano Diretor, que deverá estar em sintonia com as expectativas dos moradores da região e do IPUF.

Amocam exige medidas compensatórias

Enquanto o zoneamento da planície do Campeche não está definido, a Amocam tenta evitar os impactos das construções que se multiplicam no bairro. Caso do Complexo Residencial Cezarium Residence Club, empreendimento da Construtora Formacco com 15 mil m² de área construída de um total de 22.330 m², localizado na avenida Campeche.

Foi firmado recentemente um acordo inédito entre a Associação de Moradores do Campeche (Amocam), ONGs do bairro e a construtora. Intermediado pela Câmara de Vereadores, prevê que um engenheiro-sanitarista designado pela comunidade seja contratado pela empresa para acompanhar a execução do projeto de tratamento de esgoto da obra. O profissional terá acesso a todas as documentações e plantas que envolvam o projeto hidro-sanitário e acompanhará no canteiro de obras a sua execução.

Ajuste de conduta- Depois da vitória na primeira negociação, a Amocam e outras ONGs encaminharam na Procuradoria da República do Ministério Público Federal a sugestão de um Termo de Ajustamento de Con-

duto (TAC) a ser proposto para a Formacco. Nele, a associação solicita uma compensação para a perda da qualidade de vida que os moradores teriam com a finalização da construção dos 126 apartamentos, prevista para 2006. O TAC prevê que a construtora viabilize a criação de um centro social-cultural e recreativo, que ocuparia um terreno de 4 mil metros quadrados, com mil só de área construída. Na construção, vai ser instalada a sede da Amocam que fica sob tutela da associação.

O centro social-cultural e recreativo é uma espécie de recompensa para os impactos da construção do complexo residencial. "Isso não significa que estejamos nos vendendo. Sabemos que não conseguimos impedir essas construções. E por que a comunidade deve apenas sofrer com isso enquanto os empresários lucram?", questiona a professora Teresa Barbosa, do "Movimento Campeche Qualidade de Vida", uma das ONGs que sugeriram o Termo de Ajustamento de Conduta. A procuradoria do MP ainda está analisando a sugestão antes de encaminhar o Termo de Ajustamento de Conduta à construtora. (BC)



Barbosa: exigências cumpridas

Emília Chagas

Usuário é cobaia no *Desintegrado*

Financiamento da construção e bilhetagem eletrônica consomem 12% da tarifa

Um dos principais problemas que o responsável por serviços gerais no terminal dos Sacos dos Limões constata são tentativas de pichações dos bancos e casais adolescentes que aproveitam a inexistência de passageiros para "ficarem se amassando". Este terminal é um dos três do Sistema Integrado de Transporte Urbano de Florianópolis, inaugurado em 2003, que o novo governo do prefeito Dário Berger (PSDB) pretende desativar até o final de março. O responsável no terminal vazio passa a maior parte do tempo sozinho no local, onde três linhas de ônibus funcionam, cerca de 200 pessoas passam por dia, e que custou mais de R\$ 2,5 milhões.

A prefeitura já fechou os terminais de Capoeiras e Jardim Atlântico, na parte continental da cidade. Agora aguarda os trâmites legais, para o desativamento do terminal do Saco dos Limões, localizado na via Expressa Sul da ilha. O novo governo considera esses terminais inúteis, "uma irresponsabilidade da gestão passada".

A crítica é de Norberto Stroisch, secretário de Transportes da capital catarinense. Ele conta que a intenção no momento é consultar a população para transformar os terminais desativados em obras públicas mais úteis, como postos de saúde ou creches. Stroisch afirma que sistema integrado de transporte coletivo, inaugurado no governo Ângela Amin (PP), penalizou o usuário de ônibus, impondo um novo sistema de uma hora para outra.

Na época de implantação do projeto, o secretário de Transportes era Chico Assis. Nas eleições do ano passado, ele se candidatou a prefeito pela situação e perdeu no segundo turno para Dário Berger. Pela primeira vez, depois que a nova gestão assumiu a prefeitura, o ex-candidato concedeu uma entrevista à imprensa. Assis afirmou ao *Zero* que o projeto do Sistema Integrado de Transporte Coletivo precisa ser completado para que os três terminais mencionados tenham a devida utilidade e que a simples desativação é um "verdadeiro absurdo, só politicagem". Para ele, "é sombrio o futuro do Sistema Integrado", prevê.

Futura utilidade- Assis relata que a implantação do novo sistema começou já em 1998, com a construção do viaduto em frente ao Centro Integrado de Cultura (CIC), e que ele foi inaugurado incompleto. Para fazer com que o terminal do Saco dos Limões tenha utilidade, por exemplo, ainda é necessária a duplicação da rua Antônio Edu Vieira, que liga a UFSC à via Expressa Sul. Assis garante que existem R\$ 6 milhões na caixa da prefeitura, destinados para essa obra e outras de pavimentação e que não podem ser usados para outra finalidade. Para ele, esse seria o motivo para o desativamento dos terminais serem apenas "um ato político".

Com relação aos dois terminais do continente, o problema está na esfera estadual. Assis conta que eles deveriam servir para con-

centrar todas as linhas da região metropolitana, que vão direto até o terminal central, sendo inclusive a construção dos terminais de Capoeiras e Jardim Atlântico um pedido do governo estadual. Com relação à crítica feita por Norberto Stroisch, de que eles estão no lugar errado, devendo estar em São José, cidade metropolitana, Assis concorda. Mas ele se defende dizendo que isso não ocorreu devido a complicações na negociação com a prefeitura de São José, governada na época por Dário Berger, atual prefeito de Florianópolis. "Eles estão liquidando com o Sistema Integrado, enquanto deviam estar negociando com o governo do Estado para finalizá-lo", acusa Chico Assis.

"Magoei" - Norberto Stroisch relata que, além da desativação dos três terminais, a prefeitura também está fazendo outras ações para melhorar o sistema. Segundo o secretário, 80% das linhas de ônibus da capital já foram alteradas, com ampliação da oferta e criação de novas rotas. A meta da nova gestão é que a pessoa fique no máximo 10 minutos no terminal, descendo de um ônibus e já pegando outro. Mas Stroisch lembra que é necessário o usuário se informar sobre o horário dos ônibus para que o sistema funcione. Além dessas medidas, o governo da cidade estabeleceu uma parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, que deverá fazer uma perícia do sistema de informática, do cálculo tarifário e uma consultoria técnica - ver matéria correlata.

O secretário garante que o objetivo da nova gestão é fazer uma auditoria de todas as empresas de transporte de Florianópolis, para dar transparência do processo à população. Chico Assis diz que está curioso para ver a prefeitura abrir a tal "caixa preta" do sistema de transporte, uma das promessas de campanha de Dário Berger. "Acho que eles ainda não acharam a tal caixa preta", ironiza o ex-candidato.

Mas o principal problema do sistema, segundo Stroisch, é a falta de consulta sobre o que a população quer. O secretário afirma que, segundo pesquisa feita pela Secretaria de Transportes, 56% dos usuários não gosta do sistema, mas sem motivo aparente, apenas por estar com o "ego ferido". "Tu pode pintar o ônibus de ouro que o cidadão não elogia, ele tá magoado" afirma.

Tarifa única e passe livre- Uma das principais divergências entre os adversários políticos é sobre o preço da passagem. Para o secretário de Transportes, 12% do valor da tarifa não precisaria ser

pago, sendo esse um valor que é usado para pagar financiamentos de construção dos terminais e uso de bilhetagem eletrônica. De seu lado, Chico Assis bota a culpa do alto preço das passagens no governo federal. Lembra que 65% dos impostos ficam com a União, 23% com o estado e apenas 12% com o município. Logo seria justo que o governo federal ajudasse a subsidiar o transporte coletivo. Assis cita exemplos de outras cidades no exterior, como Paris, onde o usuário paga 30% do custo da tarifa, e Roma, onde o governo subsidia 86% do valor da passagem. Segundo o ex-candidato, no Brasil o usuário paga o custo total da tarifa.

Apesar das ideias contrárias, em duas coisas Chico Assis e Norberto Stroisch concordam: a tarifa única e o passe livre para estudantes são inviáveis em Florianópolis. O secretário explica que 67% da população paga de R\$ 1,05 a R\$ 1,60 e essa maioria seria prejudicada com uma tarifa única que deveria ser de R\$ 1,95. Isso ocorre devido a condição geográfica de Florianópolis, muito diferente de Curitiba, onde a tarifa única deu certo. Assis concorda com o secretário, mostrando que a maioria da população pagaria mais e isso, na opinião dele, não seria justo.

Com relação ao passe livre, reivindicação dos estudantes, o novo governo se mostra tão contrário a proposta como seu antecessor. Stroisch diz que o usuário normal teria que subsidiar a passagem gratuita para os alunos, o que aumentaria muito a passagem, já que das 130 mil pessoas que usam o transporte coletivo diariamente na capital de Santa Catarina, 60 mil são estudantes. Para ele não é possível tirar dinheiro público, usado na saúde e na educação para financiar tal projeto. Questionado sobre a proposta do movimento Passe-Livre de tirar o valor citado do lucro dos empresários do transporte, o secretário reage dizendo que esse é um pensamento comunista e "isso aqui não é a União Soviética", esbraveja.

Enquanto os políticos discutem sobre as utilidades e os problemas do sistema integrado de transportes, o responsável por serviços gerais no terminal do Saco dos Limões continua sozinho no local. Para ele, uma creche ou a própria sede da prefeitura poderiam ser construídas no lugar de um terminal que não funciona. Mas uma coisa o simples homem se orgulha: para ir em alguns lugares do local, é necessário a autorização dele. "Sou a autoridade máxima aqui. Algum benefício a gente tem que ter, né!?"



Assis: "absurdo, só politicagem"

Tarifa única e passe livre seguem inviáveis

Depois de uma perícia sobre a tarifa cobrada no Sistema Integrado de Transporte Urbano de Florianópolis, feita em 2003, o preço das passagens não foi considerado caro, até sendo considerado como moderado. Quem informa isso é Rodolfo Philippi, engenheiro de transportes do Laboratório de Transportes da UFSC, responsável pela consultoria para a prefeitura. "Além do mais, a nossa tarifa é a única auditada do país" realça o engenheiro.

A parceria feita com a UFSC e a Prefeitura não é uma novidade da gestão Dário Berger (PSDB). Philippi conta que em 1993, dez anos antes do sistema ser implantado, o governo de Sérgio Grandó (PPS) solicitou que a universidade fizesse um estudo do projeto de um sistema integrado de transporte coletivo em Florianópolis.

Hoje, além do Laboratório de Transportes, a UFSC possui uma equipe do Curso de Computação que faz uma avaliação do *software* Sigon, responsável pela bilhetagem eletrônica do sistema. Responsável por um manual do cálculo tarifário (que pode ser visto em www.pmf.sc.gov.br), o laboratório trabalha atualmente em uma avaliação do custo mais detalhada e em uma assistência técnica permanente para a prefeitura da capital.

Rodolfo Philippi explica, por exemplo, que alguns índices usados na avaliação tarifária são por recomendação do Ministério dos Transportes. Graças a um pedido do Ministério Público, estão adaptando esses índices para estudos locais.

Um caso que o próprio engenheiro cita é o trajeto percorrido por um ônibus entre a garagem e o terminal, quando trafega sem passageiros. Esse percurso não pode ser cobrado dos usuários e varia de cidade para cidade. O que o Ministério dos Transportes indica é um índice relativo à média nacional. Por isso se está calculando um valor local, o que pode interferir no preço da tarifa futura em Florianópolis.

Polêmica sobre a tarifa- Philippi também falou um pouco sobre as duas polêmicas que normalmente são discutidas quando se fala de passagem de ônibus municipal: a tarifa única e o passe livre. Com relação à tarifa única, ele concorda com Chico Assis e Norberto Stroisch da impossibilidade dela ser aplicada em Florianópolis. Em Florianópolis, reforça Philippi, a população mais ca-

rente se encontra próxima ao centro, nos morros da ilha e no continente, sendo que a população mais distante, como do norte da ilha, é conhecida por ser de renda mais elevada. Implantar uma tarifa única iria privilegiar quem já é privilegiado.

Além disso, Philippi também mostrou um problema novo que está aparecendo em Curitiba, referência de sistema integrado com tarifa única. O engenheiro explica que com muito tempo do sistema com uma só passagem, a população da cidade tende a se distribuir, já que o custo para chegar ao centro de quem mora perto ou longe é o mesmo. Isso faz

com que o número de linhas mais distantes cresça, encarecendo a tarifa.

O passe livre também é inviável, segundo o engenheiro do Laboratório de Transportes. "Isso faria o sistema gastar mais de R\$ 25 milhões por ano". Como os alunos de escolas públicas municipais já possuem o passe livre, uma solução apontada por ele seria que esses custos fossem divididos, com o Estado financiando os estudantes de escolas estaduais e a União pagando o passe livre para os alunos de entidades federais. Mas o atual sistema é justo, na opinião de Philippi, graças ao desconto de 50% para os estudantes. "Todos os estudantes têm esse desconto, até alunos que frequentam apenas um curso de inglês", relata.

Desativação dos terminais- O fechamento dos três terminais pela gestão Dário Berger, com menos de dois anos de uso, foi comentado pelo engenheiro, que acompanhou todo o processo de implantação do sistema integrado. Ele ressalta que os terminais são necessários, mas reconhece que hoje eles são subutilizados. Philippi concorda com o fechamento dos terminais do continente, desde



Philippi: defende terminais no continente mas do Estado

que o governo do Estado retome os estudos e desengavete o projeto do sistema metropolitano, construindo novos terminais nas cidades ao redor de Florianópolis. Ele ressalta que esses terminais são importantíssimos para o sistema, pois quem vem do continente para o centro da ilha faz uma integração física, mas não uma integração tarifária.

No que se refere ao desativamento do terminal do Saco dos Limões, considera um erro desativá-lo. Destaca que, junto com o terminal da Trindade, o do Saco dos Limões tem uma função estratégica. Eles permitem ao usuário se deslocar, sem passar pelo terminal central - desviando a rota dos passageiros e descongestionando o trânsito já complicado do centro da cidade. Com o terminal do Saco dos Limões funcionando na sua totalidade, a ligação do sul da ilha à UFSC, por exemplo, ficaria facilitada. Mas para isso é necessária a duplicação da rua Deputado Antônio Edu Vieira, destaca Philippi, ressaltando que o fechamento do terminal, hoje inútil, pode trazer problemas no futuro.

Expectativa- Para o técnico, é necessário agora a construção de vias exclusivas para os ônibus e uma restrição no uso de carros para que o sistema funcione perfeitamente. Florianópolis tem dois habitantes para cada automóvel, sendo o maior índice do mundo o de Miami, com 1,8. A existência de tantos carros na rua impossibilita que os ônibus cheguem no horário certo nos terminais, complicando as integrações. "Mas para que as pessoas deixem de andar de carro é preciso que o sistema de transporte seja bom e, é para isso que nós estamos trabalhando", afirma otimista o engenheiro.

Textos: Robson Martins



No primeiro minuto de 1º de março, Tabaré já era presidente. Festa começou ali



Vázquez surge com faixa presidencial e provoca euforia de 400 mil à sua frente



Faixa de apoio a Cuba: reaproximação foi primeira medida do novo governo



Esquerda comemora: bandeiras do Uruguai, de Cuba e da FA dominam a capital

Sede popular de mudança interrompe 174 anos de domínio conservador no Uruguai

Um oitavo da população sai as ruas para celebrar seu primeiro governo de esquerda, de Tabaré Vázquez, da Frente Ampla

João Grando, Leandro Uchôas, Lucas Pereira
Especial de Montevideo

De braços abertos, sem falar nada, o médico oncologista Tabaré Vázquez apareceu na varanda do Palácio Independência, em Montevideo, como o primeiro líder de esquerda a vestir a faixa presidencial uruguaia. A sua frente, 400 mil pessoas coloriam as ruas com bandeiras e rostos pintados em azul, vermelho e branco. Cores de uma união popular que dava fim a 174 anos de alternância no poder entre dois partidos de direita.

Naquele 1º de março, a coalizão de esquerda Frente Ampla quebrou a hegemonia de Blancos e Colorados. Os 50,7% dos votos obtidos em 31 de outubro confiaram a Tabaré a missão de superar um conservadorismo que durava desde a independência do Uruguai. Ou "desde a origem do universo", como ironiza o maior dos escritores uruguaios, Eduardo Galeano.

O país que Tabaré vai presidir, em outras épocas apelidado de "Suíça da América do Sul", hoje se recupera da pior crise de sua história. Em 2002, a economia encolheu 10,8%, influenciada principalmente pelas crises do Brasil e da Argentina. A quantidade de uruguaios abaixo da linha de pobreza subiu de 18% para 32% nessa época.

A renda per capita de US\$ 4,6 mil anuais ainda é muito superior à brasileira - de apenas US\$ 3 mil. Mas, para uma sociedade acostumada a um padrão de vida de exceção no continente, o golpe foi muito duro. O desemprego atingiu 20% da população e muitas pessoas migraram para a informalidade.

Carlos Nadales é um desses uruguaios. Complementa o orçamento de dinheiro nas ruas, vendendo tortas fritas e a água quente usada no tradicional mate uruguaio. Comparece com sua carrocinha a todos os grandes eventos de Montevideo. Mesmo assim, diz que ganha o suficiente apenas para comprar água e comida. Na terça-feira da posse presidencial, em meio à multidão que aguardava pelo novo presidente, Carlos estava lá, para complementar o orçamento e para ver o homem em quem depositou as esperanças. Ao ser perguntado se havia votado em Tabaré, respondeu surpresa: "E como não?".

O primeiro compromisso assumido pelo novo presidente é justamente um Plano de Emergência na área social. Tabaré prometeu aplicar US\$ 100 milhões nos próximos dois anos para melhorar as condições de alimentação, de saneamento básico e de educação de pelo menos 180 mil pessoas. "Não aceitei a candidatura para fazer melhor o que já se está fazendo. Mas, para mudar o que se está fazendo, por isso quis ser presidente", garantiu ao jornalista Carlos Liscano no livro *Conversaciones con Tabaré Vázquez*. "Ser presidente, sobretudo no Uruguai, significa gerar esperança nas pessoas", completou.

Para o novo presidente, mais urgente que o Plano de Emergência, é apenas a reestruturação da política internacional. No governo anterior, o ex-presidente colorado Jorge Batlle, além de ter rompido com Fidel Castro, evitava negociações com os países latino-americanos, preferindo acordos com os Estados Unidos. Os primeiros atos de Tabaré como presidente foram justamente restabelecer relações diplomáticas com Cuba, além de assinar acordos de fornecimento de energia com a Venezuela.

Posse- Esses compromissos, agendados desde a vitória nas urnas, aumentavam a ansiedade dos uruguaios pela chegada do dia da posse. Cartazes e pichações anunciavam a vinda dos "maiores da América", Hugo Chávez e Fidel Castro, que acabou não comparecendo. Nas ruas de Montevideo, as

bandeiras tricolores penduradas nas janelas ou vendidas em cada esquina davam uma idéia da mobilização popular provocada pela Frente-Ampla. Blancos e colorados, que ainda representam metade dos uruguaios, preferiram o anonimato de suas casas.

Quando a noite do dia anterior à posse chegou, os uruguaios mal agüentavam esperar para cumprir a primeira ordem presidencial. Ainda em outubro, em seu primeiro discurso como presidente eleito, Tabaré conclamou: "Festejem, uruguaios! Festejem! A vitória é de vocês."

Próximo da meia-noite, grupos de carnaval, que também existem por lá, se apresentavam no centro da cidade encenando danças e músicas com letras recheadas de críticas sociais e políticas. Um desses grupos, chamados de *murgas*, chamou a atenção para acompanhar-las numa canção de despedida ao ex-presidente Jorge Batlle que deixava a cadeira presidencial. "Um minuto de silêncio para Batlle que está muerto". Eram os primeiros minutos do dia 1º de março, o início de cinco anos para Tabaré Vázquez. Os uruguaios, finalmente, festejavam.

As comemorações, que só iriam terminar depois do discurso do novo presidente, às 11 horas da noite seguinte, duraram toda a madrugada. A principal avenida da capital, a 18 de Julio, ficou entupida de carros que trafegavam lentamente e acompanhavam com a estridência das buzinas o ritmo das frases gritadas por milhares de pessoas.

Como seria durante todo o dia da posse, o azul, o vermelho e o branco da Frente Ampla destacavam-se nas bandeiras e nos rostos das pessoas em plena escuridão da madrugada. O cenário lembrava o que havia cantado uma *murga* alguns dias antes:

Hace mucho soñaron, se cayeron y lloraron lágrimas de sangre/ Pero soñaron/ Hace mucho que tenían ese sueño/ Atravesado en la garganta/ Hoy sus hijos cantan la felicidad de su sueño cumplido.

Há muito tempo sonharam, caíram e choraram lágrimas de sangue/ Mas sonharam/ Há muito tempo tinham esse sonho/ Atravesado na garganta/ Hoje seus filhos cantam a felicidade de seu sonho cumprido.

Com a avenida tomada pelas comemorações, de repente chovemos ovos no meio da multidão. Da janela de um hotel, alguém tentava estragar a festa dos frenteampelistas. Não conseguiu, mas provocou o disparo da jovem que passava por perto:

- Só pode ser colorado, o filho da puta!
Talvez ela tivesse razão, não era a primeira vez que colorados e blancos tentavam estragar a festa dos frenteampelistas. Nas eleições presidenciais de 1999, os ovos caíram sobre a legislação eleitoral. Como indicavam as pesquisas, Tabaré Vázquez, pela Frente Ampla, vencia com 40% dos votos, num pleito em que legalmente não havia possibilidade de segundo turno. Diante da derrota iminente, os dois partidos uniram-se para aliar a lei e, coligados, obter a maioria dos votos no segundo turno.

Na última disputa eleitoral veio outro golpe, porém esse souo patético e desesperado. O candidato colorado à vice-presidência declarou que, caso a esquerda ganhasse, os uruguaios seriam obrigados a se vestirem todos iguais, como na China de Mao Tse-Tung.

No dia da posse de Tabaré Vázquez, quem olhasse para a multidão nas ruas diria que o tal colorado estava certo. O 1º de março amanheceu e os uruguaios se vestiam todos iguais: com as cores azul, vermelho e branco.

Revezando gritos como "¡Ya lo ve, ya lo ve. El presidente es Tabaré!" ou "¡Mira que bonito mi voto es. Rojo, azul y blanco del Frente es!", em cada oito uruguaios fez parte da multidão que tomou as ruas de Montevideo

para receber o novo presidente. Com o pé esquerdo quebrado, a empresária Ariana Cardarello arranjou uma cadeira de rodas e aderiu à festa. "Já dezesseis anos voto na Frente Ampla. Já votei em Colorados e Blancos e vi que não resolvia o problema. É hora de tentar algo novo", comemora.

O vendedor ambulante Walter Daniel Bentos se define como colorado, mas diz que há 20 anos vem votando na Frente Ampla. Ele ressalta que, se o governo de Tabaré for tão bom quanto foi sua gestão na prefeitura de Montevideo (1989 a 1994), a situação vai melhorar bastante. Bentos, que há quarenta anos vende pão com lingüiça nas ruas da capital, não conseguiu garantir um futuro diferente para seus cinco filhos. Por falta de emprego, todos eles também vendem pão com lingüiça. Bentos resume a situação com uma declaração contundente: "Estamos mortos de fome no Uruguai."

Brasil- Entre os brasileiros que se juntaram aos uruguaios e saíram às ruas no dia da posse, era comum encontrar referências ao Partido dos Trabalhadores. Gérson Martins, gaúcho da cidade de Quaraí, conta, em um português meio arrastado, que chegou ao Uruguai há seis anos para trabalhar numa vinícola. No Brasil, ele sempre votou no PT. "Me identifiquei rapidamente com a Frente Ampla", recorda.

Podera, as similaridades entre o momento histórico vivido pelos dois partidos não são poucas. O mesmo discurso moderado que elegeu Luís Inácio Lula da Silva no Brasil foi utilizado por Tabaré Vázquez no Uruguai, desde a promessa de moderação na política econômica até a opção por um tratamento menos agressivo à oposição durante a campanha.

Embora tenha declarado no discurso de posse que "prometemos mudanças e haverá mudanças", Tabaré nomeou um Ministro da Economia de perfil conservador. Danilo Astori assumiu prometendo, entre outras coisas, honrar todos os compromissos acertados com o Fundo Monetário Internacional.

No campo da articulação política, no entanto, as semelhanças entre o PT e a Frente Ampla diminuem. A coligação eleita no Uruguai é formada apenas por partidos de esquerda, ao contrário da brasileira que conta com partidos como PMDB e PL. A Frente Ampla também detém a maior parte das cadeiras do Congresso. Dezesete das 30 cadeiras do Senado e 53 dos 99 assentos da Câmara de Deputados serão compostos por congressistas que apoiaram Tabaré.

Nas ruas de Montevideo, a sensação é que a esperança finalmente venceu e assemelha à que ocorreu no Brasil quando Lula assumiu a Presidência da República. "Com Tabaré algo certamente vai mudar. Se mudar a terça parte, já estamos contentes", diz Carlos Larranza, um senhor de 66 anos que gasta

todo o dinheiro de sua aposentadoria - cerca de R\$ 450 - para pagar remédios e assistência médica. Sem a ajuda financeira dos filhos, ele conta que não teria como sobreviver. Abraçado a sua mulher e visivelmente emocionado, Larranza lamentou a crise vivida pelos uruguaios de 1999 a 2003. "O Uruguai chegou ao fundo."

Crise- O fundo ao qual se refere Larranza é consequência da maior crise da história do país. Desde que Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil, mudou a política econômica em 1999, flexibilizando o câmbio, a dependente economia uruguaia começou sua ruína. A descoberta de febre aftosa no gado uruguaio, logo em seguida, surgiu como mais um elemento de impacto grave na economia do país, cuja base de sustentação é a agropecuária.

Para fechar o ciclo de calamidades, a crise na Argentina, que a levou ao caos social, econômico e político, teve também consequências no Uruguai. No auge do colapso, o ex-presidente Jorge Batlle chegou a causar um sério emblema diplomático ao declarar em entrevista que os argentinos eram "um bando de ladrões, do primeiro ao último".

Nos quatro anos que se seguiram, a renda per capita uruguaia caiu 30%. A dívida pública, externa e interna, chegou a 90% do valor do Produto Interno Bruto. O PIB uruguaio é de apenas US\$ 14 bilhões, menos de 3% do brasileiro. O país tomou emprestado, durante os anos de crise, US\$ 3 bilhões de organismos multilaterais. Mesmo assim, os uruguaios ainda preservam o melhor nível educacional e a melhor distribuição de renda da América do Sul - 80% dos

habitantes são de classe média. Esse cenário levou o mais tradicional partido, o Colorado, a ter apenas 10% dos votos na eleição de 31 de outubro, o que eleva os Blancos à condição de principal partido de oposição. O ex-presidente Jorge Batlle, cuja gestão foi desaprovada nas urnas, prefere enaltecer os dados mais recentes da economia. Em 2004, o Uruguai cresceu 12%, e tem previsão de crescimento de 5 a 7% esse ano. O número de empregos gerados equivale a 6% do total de pessoas ocupadas no país. Ao entregar a faixa presidencial a Tabaré Vázquez, Batlle foi enfático: "Receba você um país em pleno gozo de suas liberdades. O receba em paz, e em crescimento sólido e firme".

A euforia da multidão em frente ao Palácio Independência parecia confirmar as previsões do general Liber Seregni, quando fundou a Frente Ampla em 1971: "A conjuntura de hoje é muito clara: ou a oligarquia líquida o povo, ou o povo líquida a oligarquia". Entretanto, Horácio Buscaglia, colunista do *La República*, adverte: "Hoje é o dia de todos os sonhos. Amanhã teremos que arregaçar as mangas e começar a construí-los".

Política nunca esteve nos planos do presidente, que se candidatou pressionado

Tabaré Vázquez é um político diferente para o padrão uruguaio. Não teve pai presidente, nem tio senador, nem avô síndico. Nunca quis ser político, nem mesmo quando foi indicado para concorrer à prefeitura de Montevideo. Participou da primeira eleição aos 46 anos. Pensou que não fosse ganhar, mas ganhou. Como prefeito, levou dois anos para se convencer de que, atuando como político, poderia ajudar a melhorar a vida das pessoas. O primeiro esquerdista a governar o Uruguai também não é de família rica. Nasceu em 1940 no populoso bairro operário La Teja. Seu pai, empregado de uma petrolífera, era defensor da causa indígena e por isso lhe deu o nome Tabaré.

El Indio, como era chamado na infância, dividia seu tempo entre os estudos e o futebol com um grupo de amigos do bairro. Jogava de goleiro, "mas não conseguia segurar nada", contou seu irmão Carlos Vázquez. Com esse mesmo grupo de amigos, Tabaré fundou anos mais tarde o Club Arbolito, na região central de La Teja. A idéia de criar o time surgiu quando o padre da comunidade começou a exigir que os garotos fossem à missa para poder jogar futebol. Então, eles se reuniram debaixo de uma árvore e decidiram fundar seu próprio clube, que existe até hoje.

Na escola, Tabaré gostava de estudar biologia. Desde criança, sempre pensou em ser médico. Com quinze anos terminou o segundo grau e começou a trabalhar. Fez pisos de taco em uma carpintaria, vendeu jornais, trabalhou num armazém. Em 1962 voltou a estudar, à noite, fazendo aulas preparatórias para a faculdade de medicina. Trabalhava das 7h às 17h, estudava até a meia-noite e chegava em casa perto das duas da madrugada.

Naquele época, sua mãe morreu de câncer. Nos cinco anos seguintes, perdeu também a irmã e o pai, vítimas da mesma doença. Desde então, escolheu um inimigo e começou a lutar. Formou-se médico oncologista para combater o câncer. Durante os seis anos de universidade, Tabaré dividia o tempo entre as aulas, o trabalho e a família. Já estava casado e com filhos. Sobrava pouco tempo para a militância no sindicato e na política.

Em 1972, completou sua especialização em Oncologia e Radioterapia. No bairro, os amigos alugaram um caminhão para ir à universidade apoiá-lo no dia do exame final. "Vamos ter um doutor no bairro, sabe o que isso significa para nós?", disse o amigo Daniel Marsicano ao jornal *La República*. Quatro anos mais tarde, o "doutor", fez outra especialização no Instituto Gustave Roussy, em Paris.

Tabaré dividiu sua vida profissional em Montevideo entre o Hospital de Clínicas, sua policlínica particular e as aulas na universidade. Durante a ditadura, que durou de 1973 a 1985, integrou clandestinamente o núcleo de médicos do partido socialista. Paralelo a tudo isso, foi presidente do clube de futebol Progreso, fundado por seu avô e orgulho da população de La Teja. Quando Tabaré assumiu o cargo, em 1979, a equipe estava na terceira divisão do campeonato nacional. No último ano de sua administração, em 1989, o clube foi campeão uruguaio de futebol. Tabaré só deixou a presidência do Progreso quando foi eleito prefeito de Montevideo.

O convite para concorrer à prefeitura pela Frente Ampla naquele ano pegou-o totalmente desprevenido. Ele já tinha recusado uma candidatura ao Senado quando seu nome havia sido cogitado alguns anos antes. Seu irmão Carlos conta que a família toda ficou surpresa com a notícia, mas ninguém tanto quanto o próprio Tabaré. "Ele nunca pareceu levar jeito para a política, mas o partido foi forçando e ele foi se criando", confessa.

O curioso é que Tabaré aceitou o convite, mas não achava que fosse ganhar as eleições. No livro *Conversaciones con Tabaré Vázquez*, ele diz que, na época, pensou apenas em dar uma contribuição ao partido. "Trabalho três ou quatro meses na campanha eleitoral, vamos às eleições, perdemos, e eu sigo com a medicina. Depois, a Frente teria cinco anos para buscar outro candidato", explicou.

Na campanha municipal daquele ano, Tabaré disse uma frase que se tornou quase uma marca pessoal: "Se sou prefeito, entre tapar um buraco e dar de comer a uma criança, dou de comer a uma criança". Foi chamado de demagogo, mas a frase é repetida até hoje.

Depois da prefeitura da capital, Tabaré concorreu à presidência em 1994. Obteve 30,6% dos votos. Em 1999 foi novamente candidato, venceu o primeiro turno com 40%, mas, outra vez, não ganhou as eleições. Uma manobra dos partidos tradicionais instituiu a disputa do segundo turno pela primeira vez na história. Resultado: unindo forças com o partido Nacional, os colorados conseguiram eleger Jorge Batlle presidente.

Com 50,7% dos votos, Tabaré finalmente venceu as eleições em 2004. Para a presidência, ele leva sua experiência de vida, que o faz sentir-se "com possibilidades reais de poder ajudar a mudar a situação dos que menos têm, dos trabalhadores, dos aposentados". Para ele, "ser presidente, sobretudo no Uruguai, significa gerar esperança nas pessoas". Por isso ele resolveu ser candidato, e para isso foi eleito.

Lucas Pereira

Frente Ampla vence depois de 34 anos

A profunda recessão provocada pelo governo entreguista de Battle facilitou vitória da coalizão de esquerda

Depois de três décadas, cinco eleições e uma ditadura que a colocou na ilegalidade por onze anos, a Frente Ampla finalmente conquistou a maioria dos votos dos uruguaios. Em meio a uma recessão econômica que aumentou o desemprego e a pobreza no país, a coalizão de partidos de esquerda chegou ao poder graças a características populares e antioligárquicas, que contrastam radicalmente com as políticas dos tradicionais partidos Nacional e Colorado. Desbancar a hegemonia desses dois partidos foi a motivação de grupos ligados à esquerda e aos trabalhadores na criação da Frente Ampla, em 1971. Na sua fundação, a aliança contava com dez partidos, além de grupos dissidentes de *blancos* (Nacional) e *colorados*, como relata Miguel Aguirre Bayley, no livro *El Frente Amplio - História y documentos*.

Os dois partidos tradicionais tiveram origem logo após a independência do Uruguai, em 1828. Vinculados a interesses comerciais e de orientação liberal, os *colorados* estavam em permanente conflito com os *blancos*, que eram ligados ao conservadorismo dos proprietários de terras. Depois de mais de um século alternando-se no poder, os dois partidos caíram em descrédito. Os compromissos firmados para privilegiar as oligarquias resultavam em descaso com as necessidades básicas da população. Além disso, as características que os distinguiam desapareciam cada vez mais. *Colorados* e *blancos* convergiam ideologicamente para que nenhum dos dois corresse o risco de assumir posições que comprometessem sua permanência no poder.

O que seria uma reflexão de um militante dos partidos tradicionais é ironizada pelo escritor uruguaio Eduardo Galeano:

- Eu achava que nós *blancos* havíamos ganhado, mas ganhamos nós *colorados* - se ouvia dizer, assim ou invertido, em cada eleição. Por oportunismo, sim, mas também porque depois de tanto co-governar, *blancos* e *colorados* tinham se convertido em um partido único disfarçado em dois.

Distanciando-se da direita também nessa postura, a Frente Ampla, desde sua formação, é descrita como uma "frente unitária constituída por forças políticas e cidadãos independentes. Os partidos estão vinculados por uma aliança baseada no reconhecimento de que cada um deles deve manter sua identidade", escreve Bailey em seu livro.

Em sua primeira eleição em 1971, com apenas dez meses de vida, a Frente Ampla obteve 18% dos votos. O candidato à presidência era o general legalista Liber Seregni, que logo se tornaria o primeiro grande líder da coalizão. Derrotado nas eleições e, logo após preso por onze anos, durante a ditadura militar, Seregni não viveu tempo suficiente para ver o triunfo da Frente Ampla. Morreu em julho de 2004, três meses antes da vitória de Tabaré Vázquez.

O general foi um dos responsáveis pela afirmação do caráter pacífico da Frente. Nos primeiros anos da década de 1970, o clima era de crise política, com protestos dos trabalhadores, ações dos guerrilheiros Tupamaros e repressão por parte do governo. Poucos meses antes de ser preso, Seregni discursou pedindo uma trégua das ações dos militares e dos guerrilheiros. Dizia que o diálogo entre o povo e o governo era a saída para se estabelecer a paz. "Para se alcançar a real pacificação, há que se entender o verdadeiro significado da violência, suas profundas raízes em nossa economia, em nossa sociedade", discursou, sem nunca ter sua reivindicação atendida. Com a ditadura instaurada em 1973, Seregni foi preso e a Frente Ampla colocada na ilegalidade até reabertura política em 1984. Durante esses anos, parlamentares da oposição foram cassados, e militantes desapareceram ou foram assassinados.

Nas eleições de 1984, a Frente Ampla perdeu novamente para *blancos* e *colorados*, mas ampliou sua fatia do eleitorado. Seguindo uma característica presente até os dias de hoje, a preferência pela esquerda se concentrava na capital, onde vive cerca de metade da população uruguaia. A opção da população de Montevideu pela alternativa aos partidos tradicionais levou a Frente Ampla a conquistar a prefeitura da capital em 1989. Nessa vitória, despontou o novo líder da esquerda Tabaré Vázquez. A administração frenteamplista teve sua competência reconhecida, tornando a capital um reduto da esquerda, fato comprovado pelos resultados das eleições mais recentes.

Para a eleição presidencial de 1994, a Frente Ampla lançou Tabaré como candidato. O médico oncologista perdeu por apenas 2% dos votos. No pleito seguinte, em 1999, Tabaré era novamente candidato, agora como favorito nas pesquisas. No entanto, não seria desta vez que *blancos* e *colorados* entregariam o poder.

Diante da derrota iminente da direita, seus representantes mudaram a legislação eleitoral para que houvesse a possibilidade de segundo turno, o que até então inexistia nas eleições uruguaias. Com 40% dos votos, Tabaré venceu no primeiro, mas foi derrotado pela coligação dos partidos tradicionais no segundo turno.

Nas eleições de 2004 já não seria mais possível manobra alguma para conter Tabaré. A profunda recessão provocada pelo governo *colorado* de Jorge Battle, que reduziu a renda per capita dos uruguaios em quase um terço, facilitou a vitória da Frente Ampla, ainda no primeiro turno. Enfim, chegava ao poder o ideal de esquerda construído em mais de três décadas.

João Grando



No dia da posse de Vázquez, uruguaios não esqueceram seus milhares de desaparecidos políticos da ditadura militar

Alívio ou ilusão, o grito das ruas uruguaias nos emocionou e envolveu



General Artigas contempla liberdade



Vovó estava de saco cheio da direita

Cada país tem sua gente, sua cultura e sua história. Nunca há história que se repita, cultura que se assemelhe nem gente que se pareça. E por terem sempre, gente cultura e história, uma identidade natural perceptível logo no primeiro contato, conhecer um país de perto é sempre uma experiência fascinante. Não visitamos o Uruguai como o turista padrão que destina suas viagens à visita de lugares-cliché, preocupando-se mais com as fotos do que com a observação. Conhecemos o país a fundo, escutamos seu chão, perquirimos, perscrutamos. Indagamos sobre cada cena, sobre suas causas. Entendemos as razões dos acontecimentos, os valores que se definiam tacitamente nas atitudes.

Quando se chega num chão novo, nunca pisado por nós, não espantam somente as diferenças, mas também as semelhanças. É verdade que o novo povo veste sempre roupas diferentes, anda em carros de outros modelos e dança canções de ritmo curioso. Porém, se vê também nos novos rostos os mesmos sorrisos de amizade, as mesmas expressões de ódio, e os mesmos semblantes de esperança que se fazem presentes em todos os povos do planeta. Era isso o que chamava a atenção no Uruguai.

A esperança ganhava vida nova nas expressões das pessoas. E sua materialização era tão grandiosa quanto havia sido em todos os povos que viveram momentos históricos semelhantes. Cada semblante de cada um dos uruguaios revelava um pedido de mudança, implorava por misericórdia, e para brasileiros que viveram situação semelhante há apenas dois anos, as cenas eram muito familiares.

É interessante ver um sonho tomar vida em um rosto. E quando milhares desses rostos se somam pelas ruas, o espetáculo se torna sublime e grandioso, e alcança um patamar tal de beleza e graça que as palavras mais bem escolhidas e as expressões mais criativas seriam insuficientes para defini-lo. Assistir ao vivo a sonhos que se uniformizam pelas ruas é algo que emociona mesmo os mais insensíveis.

Entretanto, o temor de que as esperanças se frustrem também insiste em visitar qualquer analista menos otimista. Quem garante, no mundo de hoje, que os homens incumbidos de mudança têm força real para enfrentar os diversos mecanismos de preservação da velha ordem? E quem não tem: algum medo de que os tais modelos alternativos viáveis não sejam nada mais do que lorota? Quem afirmaria, com os dois pés no chão, que um governo novo irá implantar políticas realmente novas e obter um resultado ímpar?

Perguntas demais para quem só quer festejar, para quem só deseja fazer dos motivos mais simples as comemorações mais belas. São muitas questões para um povo que esperou quase dois séculos pela ascensão ao poder de um pensamento mais humano. O povo uruguaio só queria celebrar a vitória inesperada, o ocaso dos antigos donos do ouro. Só queriam gritar ao mundo que insistiam em permanecer vivos e que tinham braços fortes para lutar contra as mazelas que os conservadores inventaram de criar.

É interessante como, quando imersos nas dores, angústias e vontades de um povo, nos sentimos parte dele, dispostos a lutar pelas bandeiras alçadas por ele. As ruas uruguaias lançaram sobre nossas cabeças aquela rara poção de esperança. Percorrendo aquele chão manchado de sangue latino, percebemos os problemas deles como iguais aos nossos, nos solidarizamos com seu grito, e sentimos no peito seu orgulho nacional. Choramos por seus ídolos, vivemos sua história.

Os uruguaios, como todos os latinos, têm percebido que ainda falta lutar pelo restinho de liberdade privada pelo "modelo único" do Neoliberalismo. Como em outras nações, incumbiu a esquerda da responsabilidade de libertação. Hoje, proclamam pelas ruas os nomes dos beróis escolhidos. Amanhã, apedrejarão os mesmos indivíduos se a locomotiva não mudar de direção. Em História, nem todo futuro é imprevisível.

Leandro Uchôas

Autor do livro *Tabaré revelado* (2004), sucesso de vendas no Uruguai, o escritor, jornalista e professor Mario Aparain conhece como ninguém o valor do momento histórico vivido por seu país. Autor de três livros de contos e cinco romances, é considerado um dos maiores escritores uruguaios contemporâneos, e seus livros já foram traduzidos em nove países. Foi diretor do Centro de Cultura de Montevideu durante o governo de Tabaré Vázquez, mas ainda não tem cargo definido no novo governo.

Z- Em *Tabaré revelado*, você descreve o novo presidente como um político diferente, que não tem os vícios e os esquemas mentais dos tradicionais políticos latino-americanos. Por que Tabaré é diferente?

Mario Delgado Aparain- Os tradicionais políticos latino-americanos têm uma ação de governo sustentada em uma visão economicista da sociedade. O objetivo final é fazer crescer uma utópica torta, para depois ser dividida entre os excluídos. Como há 150 anos estamos esperando a torta crescer, isso não convence mais. Tabaré não surge de um partido político tradicional. Provém de uma curiosa mistura de garotos pobres de um bairro de Montevideu. E ao mesmo tempo, a essa vivência popular, se soma uma formação universitária. Quando se inseriu no sistema político uruguaio, não abandonou sua forma de relacionamento com os cidadãos, que é uma relação muito horizontal, nada paternalista.

Z- Você acha que esse clima de esperança que o povo uruguaio está sentindo agora pode desaparecer quando o governo Tabaré começar a enfrentar problemas?

MDA- Isso é um mistério que preocupa a todos. Convenhamos que, cada vez que há eleições um setor da população tem grandes esperanças. A diferença que há entre a esperança de agora e a esperança de cinco anos atrás é que pela primeira vez um programa de governo foi confeccionado ao longo de trinta anos com a participação da população.

Z- Justamente por essa união muito forte entre os eleitores e o futuro governo, a Frente Ampla não pode ter problemas parecidos com que os que o PT vem tendo no Brasil? Tabaré não pode, de repente, descobrir que apenas vontade política não basta para fazer as mudanças que há muito tempo defende?

MDA- Há uma diferença substancial entre a situação do PT no governo do Brasil e a Frente Ampla. O PT se encontrou com uma estrutura político-administrativa do Estado brasileiro muito fragmentada. Os poderes locais brasileiros são os mais potentes do mundo. Isso porque os governantes locais, os prefeitos, se ocuparam do que os sucessivos governos nacionais não se ocuparam. Lula não chegou a um Estado consolidado; o Estado brasileiro está por se consolidar. Enquanto que, no Uruguai, temos o primeiro Estado total da América.

Z- O problema da Frente Ampla não pode surgir de dentro do partido, assim como o PT, que teve muitos problemas internos?

MDA- Sim, pode existir. A Frente Ampla tem um programa realizado de modo consensual entre partidos, movimentos e conglomerados ideológicos. Isso significa que esses setores também têm sua visão de país, de desenvolvimento social e até sua visão econômica da sociedade. E esse é o difícil papel de um articulador e de um executor de programa como Tabaré.

Z- Tabaré assume de uma forma semelhante a de Lula. O brasileiro, quando assumiu, prometeu estabilidade financeira e manutenção dos compromissos com o FMI. A crítica que existe hoje, depois de dois anos, é que os compromissos foram mantidos, mas a parte social foi esquecida. Tabaré assume também prometendo estabilidade, mas pelo que você falou, o plano de emergência será mantido.

MDA- Eu creio que não foram visíveis, talvez, no governo Lula, a espetacularização das medidas radicais. Há zonas muito sensíveis no Brasil, como o problema dos sem-terra, a situação indígena, a desocupação urbana, provocada pela lentidão da reconversão industrial. Fábricas que fecham gente que fica de fora. E isso gera descontentes. Porque os aliados dos industriais reconversores são os capitalistas, obviamente. A maior parte da estrutura midiática joga a favor deles, não a favor dos governos progressistas. Em um governo como este [da Frente Ampla] se pretende executar um programa integral que inclua a educação, a saúde, a segurança. As necessidades são ilimitadas e os recursos são muito limitados. Os partidos tradicionais praticam o que em política se chama "gato pardismo", que prega o seguinte: "mudemos um pouco para que tudo siga como está".

Z- Comparado com outros estadistas latino-americanos, você acha que Tabaré está mais para o Lula, ou mais para o Hugo Chávez?

MDA- Esta é uma pergunta europeia. Primeiro, porque se eu digo que é mais parecido com Lula, estou aceitando que há dois modelos únicos na América Latina. As próprias razões subjetivas para Tabaré ser o que ele é são muito distintas. Talvez se sinta [no Uruguai], quando Lula fala, uma linguagem mais familiar: pela semelhança de idiosincrasias, pela comunhão de problemáticas históricas e por outras razões distin-

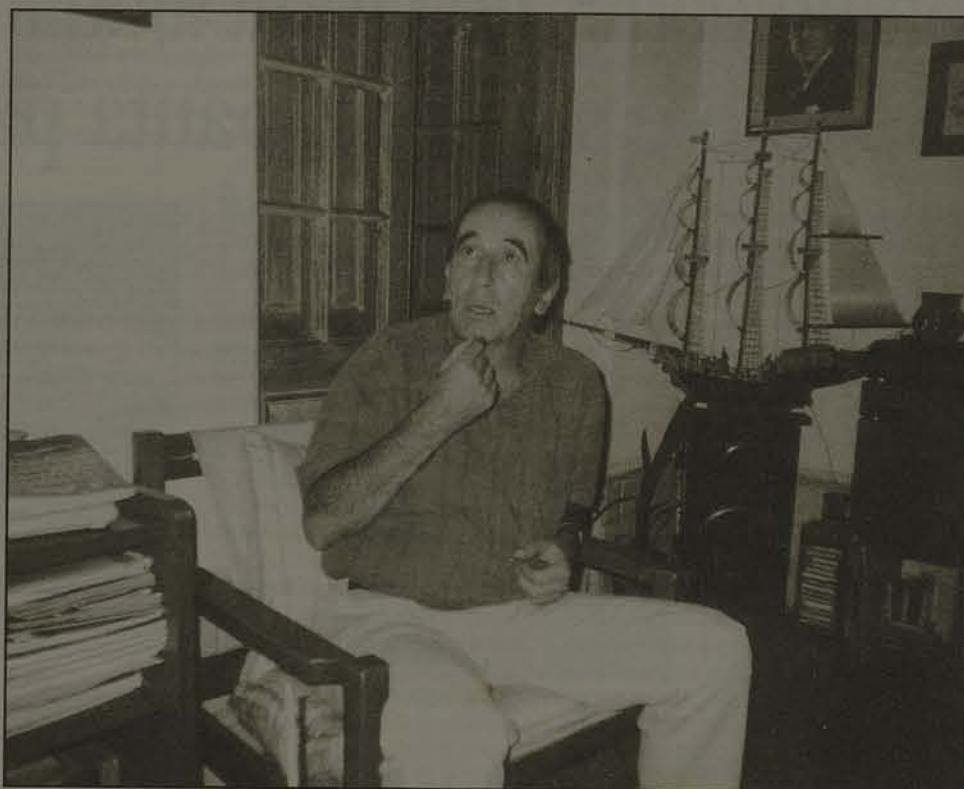
"O medo era forte porque a esquerda era satanizada. Pra vencê-lo houve, a referência, Lula."

Entrevista:

João Grando, Leandro Uchôas, Lucas Pereira



Fernanda Brazzoni



Lucas Pereira / Zero

Aparain: "Tabaré percorreu o país escutando as pessoas, isso colaborou para que perdessem o medo"

"Ascensão da esquerda é resultado do desespero gerado pelo capitalismo"

tas. Com a Venezuela não temos nenhuma [empatia], são problemáticas distintas. Chávez seria um populista golpista.

Z- Que planos Tabaré tem para tornar o Mercosul viável? O bloco já foi criado há dez anos e até agora...

MDA- É o afã de parecer-se Europa dos governos do Rio da Prata que os fez criar sua própria União Européia. E criaram o Mercosul. O tema foi que o Mercosul está integrado com cinco países onde os grandes, Argentina e Brasil, não tratavam entre eles e criavam suas próprias condições conjunturais de acordo com a situação. Mas na verdade, o Mercosul foi criado por um monte de palhaços: Menem, Lacalle, Collor de Melo, Stroessner. Mas agora há vontade política de aprofundar o Mercosul com Kirchner e Lula, como uma forma de criar um contrapeso à Alca.

Z- Mas economicamente falando, o Mercosul seria viável? O Uruguai, com uma economia pequena, tem condições de competir e não ser absorvido pelas economias do Brasil e da Argentina?

MDA- Eu tenho que acreditar que nunca vai ser absorvido, pela simples razão de que o Uruguai não é competidor, e não pode ser competidor ainda. O Uruguai pode buscar ser a Bruxelas do Mercosul, o centro administrativo. Pode buscar se fortalecer como o centro de formação cultural do Mercosul. A criação de sistemas educativos regionais, científicos, estão aqui. Mas para isso tem que haver uma política populacional no Uruguai. A administração central está aqui agora. Isso nos entusiasma muito porque se podem fazer projetos de fronteira. Há por onde avançar sem ser competitivo. Se o Uruguai se especializar em determinados setores, como as indústrias culturais, os alimentos e os serviços, e estar mais ou menos na administração do Mercosul, se pode caminhar mais tranqüilo nas duas gerações seguintes.

Z- Mario, e o que você pensa dessa ascensão da esquerda na América Latina? A Argentina, de certo modo com Kirchner, Brasil, Venezuela, Chile, o legislativo na Colômbia e agora o Uruguai. Isso é uma coisa que veio para formar um novo paradigma, ou é um ciclo?

MDA- Em plena Guerra Fria, Washington decidiu que a América Latina deveria formar parte da área de influência do dólar. Para que isso acontecesse se criou um modelo econômico que se gerou cientificamente desde a Escola de Chicago. Esse modelo gerou um desenvolvimento real, do que poderia ser a modernidade do Estado e um fortalecimento sem limites do capital privado. Uma vez que a área do dólar já não tem mais fronteiras, começa a aparecer o que se chama capitalismo selvagem. O capitalismo selvagem gerou quantidades incríveis de miséria. Isso identificou a característica principal do sistema, a insensibilidade social. Cada vez é maior o número de desesperados. Desesperados que sustentaram maciçamente a Chávez, desesperados que se equivocaram e sustentaram Fujimori, desesperados que se transformaram em *piqueteros* de Menem, desesperados que se converteram nos sem-terra do Brasil. Tudo isso se converte em uma frente de fratura do sistema.

Z- Na sua opinião pessoal, por que Tabaré ganhou as eleições?

MDA- São vários fatores. Esse é um país conservador. Custa muito mudar essa forma de ver o país. Por um lado porque a classe média passou bastante bem, mas também porque a classe política dominante tratou de gerar medo no restante da população mais pobre. Eu conheci, quando era militante jovem, gente tão pobre quanto eu que não votava na Frente Ampla porque tinha medo. O medo era mais forte porque havia uma satanização da esquerda. Essa satanização começou a reverter-se devido aos sucessivos fracassos dos últimos anos, ao que se somou o péssimo governo de Jorge Batlle. Para vencer o medo esteve aí também, como ponto de referência, Lula.

Z- A Frente Ampla também teve que mudar o discurso para poder chegar ao poder, assim como o Lula que usou o seu bordão "Lulinha paz e amor"?

MDA- Sim. E ao mesmo tempo, durante dez anos, Tabaré e sua equipe percorreram o país escutando as pessoas. Isso colaborou para que as pessoas perdessem o medo. Mas Tabaré já teria vencido nas eleições anteriores se eles não estabelecessem como último recurso o *balotaje*. Partido a partido, a Frente Ampla já era a maior força política, quantitativamente e qualitativamente. Creio que pesou também o programa, a conjuntura regional e a internacional. E a isso também se soma um carisma muito forte de Tabaré.

Z- E o que foi que mudou na Frente Ampla?

MDA- Por exemplo, houve um movimento em direção ao centro. O setor mais radical da esquerda, que é emocionalmente onde eu estou, ainda fala em romper com o FMI. Por que não nos unimos com Lula e Kirchner e não deixamos de pagar a dívida externa? Mas nossos países estão num beco sem saída. Tinha-se muito medo que a Frente Ampla rompesse com o Fundo Monetário e não pagasse a dívida, e que isso gerasse estragos econômicos. E o medo os venceu, pondo de ministro da Economia um dos universitários liberais de esquerda mais respeitáveis, Danilo Astori.

UFSC sediará congresso da SBPJor

Entidade reúne pesquisadores em novembro e vai lançar revista internacional

Até o início do segundo semestre, o quadro de professores do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) deverá receber um grande reforço na área da pesquisa. O professor Elias Machado Gonçalves, atualmente da Universidade Federal da Bahia (UFBA), já cuida de sua transferência para Florianópolis — direito que tem para acompanhar a esposa, professora Tatiana Gonçalves Teixeira, recém contratada para o Curso de Jornalismo da UFSC.

Com mestrado e doutorado em Jornalismo pela Universidad Autônoma de Barcelona, na Espanha, e uma carreira fortemente dedicada à pesquisa, Gonçalves é também presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), entidade fundada, em 2003, por 96 sócios, para agregar estudiosos na área e facilitar a captação de recursos junto às agências de fomento à pesquisa. Após um ano e meio de atuação, ele considera que a sociedade teve êxito nos seus objetivos. "Fomos recebidos pela diretoria do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pelo próprio ministro da Educação, Tarso Genro, e recebemos financiamentos para nosso congresso no ano passado".

Em 2005, a SBPJor pretende lançar os dois primeiros números da *Brazilian Journalism Research*, a revista semestral da entidade, escrita em inglês; organizar o Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa; preparar, para 2006, o *Global Meeting in Journalism*, que reunirá, no Brasil, os principais pesquisadores em jornalismo dos cinco continentes. E, em novembro, organizará seu terceiro congresso, em Florianópolis.

Congressos- O I Encontro Nacional de Pes-

quisadores em Jornalismo foi realizado na Universidade de Brasília (UnB), em novembro de 2003, e reuniu mais de 100 pesquisadores, que apresentaram 60 trabalhos científicos. Na ocasião, foi eleita a primeira diretoria. Em 2004, mais de 300 pesquisadores participaram do II Encontro, realizado na Faculdade de Comunicação da UFBA.

Com a aprovação unânime da proposta de Eduardo Meditsch, diretor científico da SBPJor e professor de Jornalismo da UFSC, de se fazer o III Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo em Florianópolis, cabe ao Curso de Jornalismo da UFSC a organização do evento, que se realizará nos dias 25 e 26 de novembro. Para Meditsch, a participação da UFSC tem um simbolismo grande, pois ocorre no momento em que o Departamento de Jornalismo prepara o lançamento, para 2006, do primeiro Mestrado Acadêmico em Jornalismo no país.

No ano passado, o Departamento de Jornalismo da UFSC realizou o 7º Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo e o 2º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. O professor Elias Machado, que esteve em Florianópolis na época, considera que os eventos foram de grande importância para o aumento no número de sócios da SBPJor. "Fizemos uma boa campanha de filiação. Aproveitamos para divulgar a nossa entidade entre os pesquisadores presentes. Obtivemos bons resultados".

A participação da UFSC- A importância da UFSC para a SBPJor não está apenas na realização do próximo congresso. Além de Meditsch na diretoria da entidade, o professor Francisco Karam, também da UFSC,



Machado: evento mundial em 2006

faz parte do Conselho Administrativo e, dos 129 sócios listados no site da sociedade (www.sbpjor.org.br), sete são da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto gráfico e as primeiras atualizações do site da SBPJor foram feitos por alunos do Curso de Jornalismo da UFSC.

Para Gonçalves, a tendência é que a UFSC se torne uma referência tanto no Brasil, quanto nos países de língua portuguesa e na ibero-América, com a criação do mestrado e, a médio prazo, de um doutorado. "Atualmente a UFSC já é referência nacional no ensino de

jornalismo e conta em seus quadros com um dos maiores pesquisadores brasileiros em jornalismo, Nilson Lage. E aqui trabalhou Adelmo Genro Filho, um dos mais inovadores pesquisadores em jornalismo que conheço", conclui. No entanto, ele destaca a necessidade das pós-graduações. "Como em qualquer lugar do mundo só haverá a institucionalização da pesquisa e a criação de uma cultura de pesquisa com o começo do mestrado e a seguir do doutorado, e com o aumento da inclusão de alunos de graduação na iniciação científica".

Com a conclusão de sua transferência, Gonçalves deve iniciar suas atividades na UFSC no segundo semestre. Para ele, não haverá problemas em atuar nas áreas que tem formação, como jornalismo impresso, rádiojornalismo, teorias do jornalismo e jornalismo digital. Mas assume uma preferência pelo jornalismo digital, área para a qual tem dedicado suas pesquisas nos últimos dez anos.

Thiago Macedo

The Gleaner põe arquivo de 171 anos na web

Um dos jornais mais antigos em circulação no hemisfério ocidental, o jamaicano *The Gleaner*, disponibilizou em 28 de fevereiro seu arquivo de 171 anos para acesso via Internet. Entre as mais de 770 mil páginas históricas, podem ser encontradas reportagens sobre uma revolta de escravos libertos em 1865, a chegada do primeiro automóvel à Jamaica no começo do século XX e o obitúrio de Bob Marley, por exemplo. Fundado em 1834, o *Gleaner* é o diário mais antigo em circulação no Caribe e o primeiro da região a ter o arquivo disponível na Internet.

O acesso às reportagens históricas é pago, com valores que variam de US\$ 7,95 por dia a US\$ 49,95 ao ano. As matérias podem ser visualizadas em formato PDF e impressas, baixadas ou enviadas por correio eletrônico, a partir do endereço <http://gleaner.newspaperarchive.com>.

"Queríamos pôr esse arquivo à disposição não apenas para os nossos jornalistas, mas para pessoas em toda parte", disse o gerente de tecnologia do *Gleaner*, Errol Knight, em texto publicado no jornal O Estado de São Paulo. "Eu estou muito empolgado", diz, "por causa da perspectiva de ter a história jamaicana disponível ao público. Eu não gosto de prever essas coisas, mas estou certo de que com boa exposição e boa promoção, o arquivo será uma boa fonte de renda." O *Gleaner* é também o diário mais lido da Jamaica. Segundo Canute James, professor de comunicação da Universidade das Índias Ocidentais em Mona (Jamaica), é um jornal "que tende a ser conservador, apoiando principalmente os interesses do setor de negócios e atacando qualquer excesso ideológico por parte do governo". Com relação ao atual governo jamaicano, ele explica que "há uma relação cordial e de respeito mútuo entre o *Gleaner* e o governo, assim como entre o governo e toda a mídia".

O *Gleaner* integra a empresa The Gleaner Company, dona de outras cinco publicações diárias e semanais na Jamaica, além de duas no Canadá e Estados Unidos e uma no Reino Unido. Os veículos publicados no exterior são destinados a jamaicanos e outros caribenhos que vivem na América do Norte e Grã-Bretanha.

Felipe Silva

Comunidades no Orkut ajudam a encontrar emprego e sugerem pauta para repórteres

Conhecer pessoas com interesses comuns deixou de ser exclusivamente tarefa do acaso ou de algum amigo influente. Utilizando a Internet como suporte surgiu, em fevereiro de 2004, o Orkut (www.orkut.com), uma rede de socialização capaz de reunir milhares de pessoas nas suas várias comunidades. Mais de mil delas já foram criadas relativas à atividade jornalística no Brasil.

Para quem procura contatos com estudantes e jornalistas através da *web* de diversas áreas e várias partes do País, a comunidade *Jornalismo* é um bom lugar. Já as comunidades do *Folha de São Paulo*, do *Jornal do Brasil*, da *CartaCapital*, entre outras, permitem que qualquer um faça suas sugestões ou reclamações diretamente com os responsáveis pelas matérias. Quem não gosta de esperar até o dia seguinte para ler a matéria do dia, deve encontrar internautas afins em *Jornalismo Online* ou no *Jornalismo Digital*. Mas quem ainda preferir ter as informações na mão pode discutir diversas técnicas jornalísticas na comunidade *Jornalismo Impresso*.

Em *Jornalismo Científico*, a troca de opiniões sobre projetos de monografia e informações sobre pós-graduação na área são o forte. Os cuidados com o meio-ambiente e a forma como a mídia explora o tema são as principais discussões na comunidade do *Jornalismo Ambiental*. A análise da grande mídia tem seu lugar garantido nas comunidades do *Comunique-se* e do *Observatório da Imprensa*.

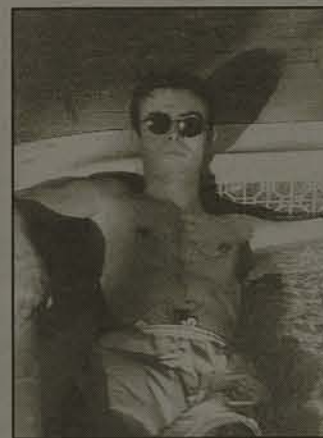
Um grande fenômeno que se verifica no Orkut é a enorme quantidade das comunidades *'Eu Odeio'* — são mais de mil, somente em português — e o jornalismo não escapa da tendência. Para quem não gosta da linha editorial da revista *Veja*, por exemplo, as comunidades são muitas: *Eu Odeio a Veja*, *A Revista Veja é do Mal*, *Veja Que Mentira*, entre outras. Já os leitores assíduos do semanário

podem entrar na comunidade *Revista Veja* e ficar sabendo, inclusive, das senhas do mês para ler a revista na Internet.

Para não chegar na reunião de pauta e ficar de boca fechada, uma boa ferramenta é a comunidade *Pautas Online* que, além de fornecer sugestões de pauta, pode ajudar na descoberta de fontes para alguma matéria. Informar através da imagem é o desafio dos que fazem parte da comunidade *Fotojornalismo Brasil*.

A crescente competição profissional no mercado da comunicação motivou a criação de algumas das comunidades jornalísticas do Orkut. Na *Jornalistas Desempregados*, a preocupação é encontrar soluções para a situação de quem não encontra trabalho na área. *Eu Vivo de Freela* é outro exemplo de comunidades dedicadas a quem não tem emprego fixo. "Trabalhar melhor a comunicação no setor que mais cresce no Brasil" é a descrição da comunidade *Jornalistas do Agronegócio*. Também focada nas falhas de comunicação na profissão está o grupo *Pérolas do Jornalismo*, destinada a "zoar" das gafes gramaticais cometidas por alguns profissionais.

Fugindo das *hard news* encontra-se grupos como o do *Jornalismo Literário*, voltada aos fãs de Fernando Morais, John Hersey e outros. Os aficionados por videogame têm o seu lugar reservado na comunidade *Jornalismo de Games Brasil*. Quem gosta de jornalismo esportivo pode discutir a cobertura da mídia brasileira sobre o assunto na comunidade *Jornalismo Esportivo*. Mas quem acha que as matérias desta área têm ainda muito a melhorar pode discutir como fazer isso na comunidade *Eu Odeio Jornalismo Esportivo*, além de votar na "figura mais insuportável da imprensa telesportiva brasileira".



Mr. Orkut: criador do software

Números- *Jornalismo para Crianças, Econômico, Internacional, Musical, Empresarial, Automobilístico, Country*. Com tantas comunidades diferentes, é natural imaginar que muitas pessoas se interessem pelos temas. Em janeiro já somavam 4 milhões as pessoas cadastradas no Orkut e cerca de 66% delas afirmam ser do Brasil. As principais comunidades jornalísticas, como a *Jornalismo*, *Trabalho para Jornalistas* e *Observatório da Imprensa*, contam, em média, com 3,5 mil desses membros. O perfil dos orkutianos é de pessoas jovens — 56% com idade entre 18

e 25 anos — interessadas, principalmente, em fazer novos amigos — cerca de 90% delas. Aumentar a rede de contatos profissionais, no entanto, aparece como interesse de aproximadamente 29% dos membros. Quem se interessou por alguma das comunidades ou quer simplesmente procurar velhos amigos, basta pedir à alguém que já faça parte da rede para ser convidado. A partir daí, é só se embrenhar nos labirintos *orkutianos* e procurar alguma comunidade de seu interesse.

A rede de socialização foi criada por Orkut Buyukkokten, um turco de 29 anos, programador do Google, sistema de buscas na Internet. Em sua página pessoal, atualizada pela última vez em abril de 2001, o mentor da mais recente epidemia virtual diz que seu objetivo de vida é "experimentar as coisas mais radicais da vida e nunca olhar para trás ou se arrepender de alguma coisa". Com certeza este seu objetivo está plenamente realizado hoje.

Marco Junqueira

Sigilo da fonte vence guerra nos EUA

Jornalistas se fortalecem com a vitória de Judith Miller na justiça. Restam nove

Foi a primeira batalha ganha pelos princípios jornalísticos. No dia 24 de fevereiro, o juiz federal Robert W. Sweet decidiu, em Nova York, que o promotor Patrick J. Fitzgerald não teria o direito de quebrar o sigilo telefônico dos repórteres do *New York Times*, Judith Miller e Phillip Shenon. O promotor pretendia averiguar quem seria a fonte dos repórteres no caso do crime de divulgação da identidade de Valerie Plame, agente da CIA. Depois das condenações em duas instâncias (ambas suspensas por recurso) de Judith Miller e de outro repórter, Matthew Cooper, da revista *Time*, por terem se negado a revelar os informantes, a decisão do juiz Sweet sinaliza que o caso pode tomar outro rumo. Miller e Cooper fazem parte de um grupo de dez jornalistas americanos que, atualmente, sofrem processo pela proteção de sigilo profissional.

O caso Valerie Plame- O processo começou em julho de 2003, quando o colunista americano ultraconservador Robert Nowak publicou, no *Washington Post* e em dezenas de outros jornais, a identidade da agente secreta. Nos Estados Unidos, o vazamento da identidade de um agente secreto é crime com pena de até dez anos de prisão. Na época, ficou claro que o vazamento deu-se por questões políticas referentes ao marido de Plame, o ex-embaixador democrata Joseph Wilson, que tinha dado declarações embaraçosas para o governo Bush. Numa missão que realizara um mês antes para a CIA no Níger, Wilson constatou que eram falsas as afirmações do presidente Bush sobre a compra de minério de urânio no país africano para ser usado em armamentos iraquianos de destruição em massa.

Em agosto de 2004, Matthew Cooper, repórter da revista *Time*, foi condenado à prisão pelo crime de desobediência ao tribunal, uma vez que se recusou a revelar as suas fontes, e a *Time* foi multada em mil dólares por dia até que entregasse uma documentação sigilosa exigida pelo tribunal. Cooper se recusou a testemunhar, mas voltou atrás após receber o aval de seu informante, Lewis "Scooter" Libby, chefe de equipe do vice-presidente Dick Cheney. O tribunal não se contentou com o nome e intimou o repórter a revelar novas fontes. Cooper mais uma vez se negou e a desobediência lhe valeu

18 meses de prisão, suspensos em seguida por um recurso. Na mesma época, Judith Miller, do *NYT*, sofreu a mesma penalização, também suspensa.

As duas penas foram decretadas pelo juiz Thomas E. Hogan, que reconheceu que ambos os jornalistas "agiram profissionalmente de boa fé", mas justificou a condenação, alegando que a quebra do sigilo das fontes seria apropriada em termos de equilíbrio da "liberdade de imprensa e da necessidade de procedimento criminal".

Relação com terroristas-

No final de fevereiro, o promotor Patrick Fitzgerald resolveu mudar o foco de atuação. Seu novo argumento era de que as gravações seriam úteis na investigação de ações de caridade islâmicas visando beneficiar o terrorismo. No entanto, o juiz Sweet decidiu que não havia evidências suficientes para que fosse superado o que o juiz classificou como "proteção substancialmente legal do direito dos repórteres".

A decisão foi marcadamente diversa da decisão de uma comissão de três juizes da Corte de Recursos do Distrito de Colúmbia, que na semana anterior haviam requisitado a prisão de Miller e Cooper por se recusarem a testemunhar diante do grande júri - um grupo de 21 cidadãos que determina se houve ou não crime. Para sua decisão, Sweet considerou sob quais padrões legais os repórteres podem ser intimados a depor em ações que envolvem terceiros, no caso das gravações que poderiam revelar fontes confidenciais.

A principal importância da decisão de Sweet foi a interpretação diferente de outra decisão da Suprema Corte, em 1972. Na época, ficou decidido que não havia privilégio assegurado na Primeira Emenda para que os jornalistas protegessem suas fontes em investigações criminais de instância federal. Desde essa decisão, 49 Estados e o Distrito de Colúmbia concluíram que essa proteção existe ou deveria existir. Para o dono do *New York Times*,



Plame: a espiã desvendada

Vanity Fair

Arthur Sulzburger Jr., acabar com o sigilo das fontes pode ter um grande impacto no futuro do jornalismo, pois a proteção das fontes foi determinante em casos como Watergate.

O direito de calar- A grande discussão que se instaurou no campo da ética americana é se a profissão de jornalista tem o mesmo privilégio do silêncio de outras. Advogados, membros do clero, cônjuges, médicos e terapeutas são dispensados pela legislação americana de depor sobre fatos que tomaram conhecimento no exercício profissional ou na privacidade do lar. Para jornalistas, há no assunto uma grande nebulosa e muita controvérsia de juiz para juiz, de tribunal para tribunal.

No caso da agente secreta Valerie Plame, há uma nebulosa ainda maior, levantada em editorial pelo *Los Angeles Times*, que gira em torno do colunista Robert Nowak. A maioria dos jornalistas e colunistas americanos acredita o maior erro a Nowak. Mesmo assim, ninguém explicou os motivos de os repórteres responderem criminalmente por defender a identidade dos que cometeram o verdadeiro crime, enquanto o colunista do *Washington Post*, que foi quem detonou a bomba "Plame", não foi incomodado pela justiça.

A promotoria preferiu, desde o começo, investir contra os repórteres que apuraram o caso, em vez de pressionar Nowak ou ir direto à caça das fontes. Este, aliás, foi um dos argumentos do juiz Robert Sweet. Para ele, assim como para a organização *Repórteres Sem Fronteira*, os promotores devem esgotar todas as possibilidades de investigação antes de decidir pela quebra de sigilo telefônico. O promotor Patrick J. Fitzgerald não pensa da mesma forma. "Nós discordamos respeitosamente da decisão do juiz Sweet e estamos considerando nossas opções de apelação". É a promessa de novas batalhas entre a necessidade de investigação de um crime, por parte da justiça, e o respeito à ética jornalística, em seu princípio de preservar as fontes.

Repórter mexicana garante direito

A repórter Maria Esther Martinez, do jornal *La Unión de Morelos*, do Estado de Morelos, sul do México, utilizou-se da garantia constitucional do sigilo de profissão em depoimento prestado à Procuradoria Geral de Justiça do México, em 7 de março. A jornalista foi indicada como testemunha pelo ex-funcionário da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Obras Públicas do Estado de Morelos, Manuel Salazar Castelán, para que revelasse a sua fonte de informações em reportagens feitas em 2002. Os artigos de Martinez deram início a uma série de procedimentos administrativos instaurados contra o ex-secretário da Secretaria, Jesús Sotelo e outros funcionários do governo.

Martinez pôde proteger a identidade de suas fontes graças às reformas constitucionais ocorridas em 2003, que garantiram aos repórteres o sigilo profissional. A repórter baseou sua defesa na Constituição Política do Estado de Morelos, que estabelece o direito ao sigilo profissional como uma "extensão da liberdade de pensamento". Segundo a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), em seu relatório anual, o México registrou uma diminuição no número de atentados à liberdade de expressão no período de 2002/2003, porém ainda ocorrem várias denúncias de boicotes publicitários, ameaças, ações judiciais e detenções contra jornalistas.

Casos de assassinatos e prisões arbitrárias contra jornalistas são frequentes no México, principalmente contra aqueles que trabalham em áreas relacionadas com o narcotráfico, conforme a SIP. Em 11 de março de 2002, Martinez foi presa na cidade de Xochitepec sob acusação de difamação sobre ordens do procurador de Justiça, depois de publicar críticas contra ele e contra a Polícia Ministerial sob sua direção. Depois de interrogada durante várias horas, a repórter foi colocada em liberdade. Apesar da prisão por crime de imprensa ser considerada uma afronta aos direitos humanos pelas organizações internacionais, a legislação mexicana ainda estabelece pena de detenção para o delito de difamação.

Em fevereiro de 2001, na cidade fronteiriça de Ojinaga, Chihuahua, o jornalista José Luis Ortega Maia foi assassinado, mas não foi esclarecido se os motivos do crime, que ainda está sem punição, estão relacionados com a atividade profissional da vítima. Diante do número de investigações inconclusas sobre assassinatos de jornalistas no país, foi criado um grupo de revisão na Secretaria de Governo para analisar a situação atual dos casos. O grupo reúne representantes de órgãos de direitos humanos e diversas associações de jornalistas, que analisam um total de 59 denúncias de crimes deste tipo.

A situação da liberdade de imprensa no México, no entanto, não parece ser prioridade para o presidente Vicente Fox. Indagado por membros do Repórteres Sem Fronteiras, ONG de defesa dos jornalistas com sede em Paris, sobre a questão das penalizações dos delitos de imprensa, Fox respondeu que os repórteres que publicam informações obtidas ilegalmente devem ser denunciados e que os jornalistas "são cidadãos como os demais".

De defensora para alvo dos conservadores

É inegável a vocação da repórter Judith Miller para a polêmica. Aos 57 anos de vida e quase 30 como repórter do *New York Times*, ganhadora do Prêmio Pulitzer em 2001 por matérias sobre Osama bin Laden e Al Qaeda, Miller sempre soube como se manter em evidência. Em 1983, ela foi a primeira mulher a assumir a chefia da agência do *NYT*, no Egito, responsável pela cobertura do Oriente Médio. Ainda na década de 80, trabalhou como correspondente na Europa, antes de voltar aos Estados Unidos para assumir o cargo de editora em Washington.

Com sua experiência no Egito e na cobertura dos conflitos no Golfo Pérsico, em 1990, Miller escreveu *best-sellers* sobre o Oriente Médio e o terrorismo. Um deles - *Deus tem noventa e nove nomes*, de 1996 - explora o extremismo islâmico em países do Oriente Médio. Para os críticos, o livro não passa de um conjunto de impropérios e distorções da cobertura do Islã nos meios de comunicação americanos.

Judith Miller, que é vista com desconfiança até dentro da própria redação por suas posições pró-governistas, foi a responsável por controversas matérias sobre o suposto arsenal de destruição em massa que Saddam Hussein esconderia no Iraque, dando ainda mais força aos argumentos de George Walker Bush para iniciar a guerra. Mais tarde, as informações sobre as armas químicas de Saddam se revelari-

am falsas e Miller arcaria com todo tipo de crítica. Em entrevista a *O Estado de São Paulo* na semana da decisão do juiz Robert W. Sweet, Judith Miller alegou que as fontes a induziram ao erro. "A polarização provocada pela guerra fez as pessoas buscarem bodes expiatórios, e eu era um bode expiatório natural".

E foi devido a esta proximidade com os neoconservadores de Bush que a possibilidade de Judith Miller pegar até 18 meses de prisão soou estranha. Christopher Simpson, professor da Escola de Comunicação da American University, em Washington, e estudioso das leis de imprensa nos Estados Unidos, vê no caso uma "deliciosa ironia" já que o Estado americano se voltou contra a repórter que, segundo ele, construiu sua carreira em associação com a ala neoconservadora do Partido Republicano. "Nos últimos 20 anos", diz ele, "Miller promoveu uma linha de alarme extremo sobre o que ela define como terrorismo e que vai muito além da realidade". Para a repórter a situação é absurda. "Estou sendo acusada de desacato à Justiça por me recusar a prestar depoimento sobre algo que nunca escrevi. É uma coisa



Miller: uma das dez processados

Stephen J. Bulzano / AP Photo

meio orwelliana", reclama, remetendo ao autor de *1984*, no qual, entre outras repressões, os cidadãos pagavam por crimes que não haviam cometido.

A reabilitação- Ao sentar no banco dos réus por defender o sigilo da identidade de suas fontes, Judith Miller subiu no conceito dos colegas. "Isso a reabilitou um pouco", declarou Lucy Dalglish, diretora do Comitê de Repórteres para a Liberdade de Imprensa. Miller fez seu cartaz entre os defensores da ética jornalística com declarações nas quais dizia-se preparada para a prisão se isso fosse necessário para proteger a confidencialidade de suas fontes. "Somos tão bons como jornalistas quanto forem as nossas fontes. É vital para nossa profissão. Mas estou otimista com a decisão de nosso tribunal, acredito em nossa democracia", declarou a *O Estado de São Paulo*. Depois de mais de um ano e meio de dúvidas quanto ao futuro, a decisão do juiz Robert W. Sweet trouxe alívio e mostrou que, apesar do susto, Judith Miller tinha razão de estar confiante na democracia que sempre apoiou.

Textos: Thiago Macedo

Marianna Aragão

Editora obriga jornalista a virar PJ

Empresa quer contratar exclusivamente pessoa jurídica para não pagar encargos

Evento discute memória da mídia, no RS

O 3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho de 2005 está confirmado para os dias 14, 15 e 16 de abril e acontece no Centro Universitário Feevale em Novo Hamburgo (RS). Com o objetivo de refazer, atualizar e aprofundar as discussões sobre a memória da mídia brasileira, nesta edição o evento terá 10 grupos de trabalho, mesas redondas e apresentações regionalistas. A novidade deste ano para os participantes será um grupo de trabalho que discutirá a importância da História da Mídia Alternativa e a realização do Fórum de Professores de Relações Públicas no último dia do evento.

Com cerca de 250 inscritos, entre professores, pesquisadores e acadêmicos, o 3º Encontro da Rede Alcar segue com as inscrições abertas, que podem ser feitas pelo site

www.feevale.br/redealcar.

No dia 25 de fevereiro em São Paulo a diretoria do jornal *Gazeta Mercantil* marcou uma reunião com os jornalistas para solucionar as pendências trabalhistas entre a empresa e profissionais. No começo da reunião, Hélio Tuchler, vice-presidente administrativo da Editora JB (grupo controlador da GM), reclamou da ausência de representantes da redação. "Não tinha pensado que resolveria os problemas um a um", disse. Depois de várias discussões entre os cinco jornalistas presentes e os membros da diretoria, Tuchler começou a esbravejar de pé, mandou que todos se calassem porque quem mandava na empresa era ele. Ouvindo os gritos, os jornalistas Renato Acciarto e Alessandra Paz se levantaram da mesa e deixaram a reunião. Tuchler pediu o nome dos dois jornalistas. À tarde daquele mesmo dia, os dois profissionais estavam demitidos. Além deles, mais 25 jornalistas foram demitidos em 2005.

Este foi o relato dos dois demitidos. Eles pediram uma comunicação formal da empresa, mas não foram atendidos. Conforme sua versão, eles ainda não receberam os salários de janeiro e fevereiro. "Ainda mais: não há fundo de garantia depositado, nem multa para os jornalistas, muito menos vergonha na cara de quem comanda uma empresa que desafia a lei e as pessoas que colaboraram com a sua existência com o suor de cada dia", escreveram em um ofício encaminhado ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSJ). Renato Acciarto era editor do caderno Carro/Indústria Automotiva e Alessandra Paz, repórter de finanças.

A relação entre a *Gazeta Mercantil* e o SJSJ virou caso de polícia em março. A entidade entrou, no dia 2, com uma queixa crime contra a Editora JB pedindo a abertura de inquérito policial por "frustração de direito assegurado por lei



trabalhista". De acordo com o sindicato, a Editora JB está obrigando todos os jornalistas contratados a se tornarem Pessoas Jurídicas "PJs", com a ameaça de não pagarem os salários a quem não abrir suas empresas.

De acordo com o professor Francisco Karam, que ministra a disciplina de Legislação e Ética Jornalística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em alguns casos é interessante tanto para o jornalista quanto para a empresa que o profissional seja PJ. É a vertente para quem tem consultoria em jornalismo ou para quem recebe altos salários. No entanto, o professor diz que "parece-me ilegítimo e ilegal, embora não seja da área jurídica, quando isso beneficia apenas a empresa, que deixa de pagar Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), deixa de recolher à previdência e faz isso em grande escala, com toda a redação. Isso beneficia apenas a empresa que esconde ganhos que quer ter à custa do profissional contratado, neste caso com salários baixos ou médios".

Segundo os jornalistas demitidos no dia 25 de fevereiro, a Editora JB, desde outubro de 2003, demitiu toda a redação e comunicou que o pagamento a partir daquela data seria efetuado contra-apresentação de notas fiscais. "Mas para esta mudança de pessoa física para jurídica, a Editora JB não pagou a rescisão prevista na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), não pagou a multa, nem os salários atrasados desde 2001", relataram no ofício encaminhado ao sindicato. O atraso de salários é outro problema que os jornalistas da *Gazeta Mercantil* enfrentam.

A ex-editora do jornal Nair Suzuki, que trabalhou lá de 1996 até 2004, diz que a situação no jornal ficou difícil a partir de 2000. "Aos que

trabalharam lá neste período, devem de 10 a 12 salários". Segundo o relato de Renato Acciarto e Alessandra Paz, boa parte dos jornalistas que trabalham no jornal têm pelo menos oito salários atrasados. O SJSJ também entrou na justiça para reclamar de apropriação indébita de recursos.

De acordo com a entidade, a empresa se apropriou indevidamente do dinheiro descontado dos salários dos jornalistas em 2003, a título de contribuição sindical. A empresa deixou de repassar a contribuição aos sindicatos, federações, confederações e ao Ministério do Trabalho, embora o dinheiro tenha sido descontado.

Crise no JB- A *Gazeta Mercantil* e o *Jornal do Brasil* são comandados pelo mesmo dono: Nelson Tanure. E a crise no jornal carioca é semelhante. No dia 16 de agosto de 2004 foram demitidos 64 jornalistas. Como eles eram contratados como pessoas jurídicas, os funcionários não tiveram direito a benefícios trabalhistas, como fundo de garantia, férias e décimo terceiro salário. Além de manifestações e passeatas, o Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro moveu uma ação civil no Ministério Público, relatando as irregularidades que estavam ocorrendo.

Nelson Tanure tem a fama de comprar empresas falidas para depois vendê-las. É dono da Docas e Companhia Brasileira de Multimídia, que controla o *JB*, a *Gazeta Mercantil*, o site InvestNews e a versão brasileira da revista *Forbes*. O Sindicato dos Jornalistas do Rio acusa Tanure de não entender nada de imprensa nem de ética de informação. Isso porque ele pretende fazer uma sinergia entre as redações de seus veículos jornalísticos. As editorias de Economia dos dois jornais foram unificadas numa redação só.

Maurício Frighetto

Weblog tem credencial na Casa Branca

Coleções de jornais à venda: Pasquim...

O professor de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Hélio Schuch, está disponibilizando para venda uma coleção de jornais da imprensa alternativa brasileira das décadas de 70 e 80. A maior parte do arquivo é composta por edições dos jornais *Movimento*, *O Pasquim* e *Coojournal*. O acervo está dividido em encadernações de capa dura, com cerca de 35 exemplares em cada volume.

A coleção mais completa é a do semanário *O Pasquim*, uma das mais importantes publicações de humor dos anos da ditadura militar, que chegou a alcançar, em 1970, a tiragem de 220 mil exemplares. São 13 encadernações com exemplares do jornal, que incluem da segunda até a 150ª edição. O professor também possui encadernações de veículos diversos que circularam na época da ditadura, como *Veja*, *Istoé* e *Visão*. Interessados podem entrar em contato com o professor pelo e-mail: schuch@matrix.com.br.

A aprovação de uma credencial para as coletivas de imprensa da Casa Branca no início do mês de março marcou um capítulo na história recente da mídia e da Internet. Pela primeira vez, a Casa Branca concedeu a um autor de *weblog* o mesmo direito outorgado a repórteres de jornal, revista, rádio e TV: acesso livre às informações do centro de decisões mais importante do mundo. O dono do cobinado cartão impresso com a palavra é Garrett M. Graff. O repórter de 23 anos é editor do diário eletrônico FishbowlDC (Aquário do Distrito Federal), que se autodenomina, em um alerta logo no topo da página inicial, "um *blog* de fofocas de Washington D.C."

A saga de Graff pela conquista de um passe para a sala de conferência de imprensa da Casa Branca começou há duas semanas, com a polêmica envolvendo James D. Guckert, falso jornalista que usava o codinome de Jeff Gannon. Foi descoberto que Gannon, que há dois anos participava das reuniões de imprensa na Presidência, trabalhando para uma organização de fachada do Partido Republicano, teria ligações com sites de prostituição *gay*. Em seu *blog*, Graff abriu a discussão sobre quem é ou não um jornalista legítimo e como o acesso à Casa Branca é concedido. Oficiais da Casa Branca imediatamente responderam, afirmando ser relativamente fácil obter o passe e convidaram Graff a solicitar o seu.



fishbowlDC



Convite feito, convite aceito. Graff decidiu lutar pela concessão das credenciais, e contou a trajetória percorrida em sua página: toda a burocracia, as verificações de dados pessoais e profissionais, a perda de tempo. Conta que foram mais de 20 ligações telefônicas sem resposta. E embora o número de acessos ao *blog* tenha aumentado dez vezes, seu esforço só foi recompensado quando a mídia dita tradicional resolveu aderir à campanha.

"O *USA Today* começou a falar no assunto na quinta, a CNN mencionou-o em *'Inside Politics'* e Ron Hutcheson, presidente da Associação dos Correspondentes da Casa Branca, levantou o debate com a Imprensa Oficial da Casa Branca", explica. Segundo a Casa Branca, a decisão pela aprovação do passe para Graff não foi tomada unilateralmente. Scott McClellan, secretário de Imprensa, justificou: "A sala de imprensa é dos repórteres e se há regras a seguir, que sejam implantadas pela entidade deles", ponderou.

O primeiro dia de Graff na Casa Branca foi minuciosamente relatado em seu *blog*, desde a descrição do cartão de credencial, apelidado ironicamente de "Santo Graal", até as cadeiras da sala

de reunião, que segundo ele, "são piores do que as dos cinemas de segunda categoria". A surpresa também ficou por conta da gentil recepção dos colegas de outros veículos, os repórteres "reais", nas palavras do próprio Graff.

A aprovação da credencial causou alvoroço na imprensa tradicional dos EUA. Muitos repórteres temem que o caso de Graff possa ter aberto precedentes e que outros autores de *blogs* exijam também uma credencial. Os críticos do novo meio argumentam que seus autores transmitem notícias sem serem, necessariamente, jornalistas, sem estarem filiados a um meio de comunicação e, pior, sem terem sequer que se identificar.

Para Jay Roseu, professor de Jornalismo da New York University e especialista em *weblog*, a batalha de Graff pela concessão do acesso à sala de imprensa foi significativa em dois aspectos. Primeiro, porque desmentiu a Casa Branca, ao mostrar que é muito mais complicado conseguir a credencial do que os oficiais da Presidência afirmaram. A circunstância também foi importante, diz o professor, pois foi necessária para ampliar a definição de imprensa na atualidade.

Marianna de Aragão

Pitty acha o rock muito inofensivo

Para a roqueira, a música atual não tem a subversão de outros tempos

No final de fevereiro, Floripa recebeu pela segunda vez no ano a cantora Pitty, num show patrocinado por uma grande operadora telefônica, ao ar livre, no chamado "Parque Planeta", espaço onde é realizado o Planeta Atlântida, grande festival do *mainstream* no Sul. Num espaço com o esse, procuramos ela justamente para falar do *underground*, "onde tudo começou". Sobre essa origem surgiu a pauta de entrevistá-la.

Pitty está se tornando algo como uma "musa dos adolescentes", cantando as letras questionadoras e jogando neles os acordes pesados de que tanto precisam para aliviar a pressão do mundo, que todos sentimos, mas que nesta certa idade, talvez devido aos hormônios, é realmente desfigurante. Ela grita com eles e vice-versa.

Mas a baiana de cabelos vermelhos em questão é adolescente? Não senhor(a). É uma artista, compositora que despertou o interesse da gravadora com uma demo de voz e violão. Tendo uma chance, largou tudo e foi para o Rio atrás da vida que a esperava, que aparentemente deu certo. E como! Um meteoro caiu nas paradas, o *Admirável chip novo* (Deckdisc, 2003). Ligada ao *underground*, ela busca manter o sucesso comercial, no main. Como é que é isso? Confira pelas palavras da moça.

Z- Como foi a idealização desta sua carreira de sucesso? A passagem do meio musical alternativo de Salvador para o grande mercado, assumindo carreira solo?

Pitty- Na verdade foi um lance muito natural, não foi tão idealizado quanto as pessoas podem imaginar. A minha banda tinha acabado e eu estava a fim de fazer outra coisa, aí pintou de gravar o disco e acabou ficando Pitty, porque eu não tinha banda, também não queria fingir botar um nome de banda e na verdade ser só eu, sabe? A verdade é que era eu fazendo a parada, depois chamei os meninos que tocam comigo. Eu mandei uma demo pra gravadora no Rio, só com voz e violão, e eles gostaram. Aí eu fui morar no Rio pra gravar.

Z- Você está fazendo o som que sempre quis?

Pitty- Pra caramba, cara. Eu tinha uma banda de *hardcore* antes. Um dos motivos de eu ter desistido foi de estar de saco cheio de só fazer a mesma coisa. É *hardcore*, só pode tocar *hardcore*. Se você botasse alguma coisa meio diferente no show, o público mais radical já torcia o nariz. Eu achava isso horrível, eu quero fazer som seja o que for, se quiser meter uma salsa no meio do *hardcore* eu vou fazer e pronto, não estou a fim de prisão. Hoje eu tenho um som que eu posso fazer o que eu quiser. A gente toca desde balada até *hardcore*.

Z- Como é tocar rock na terra do axé?

Pitty- Existe um lado de Salvador que a grande mídia ainda não conhece. Há uma cena *underground* lá bem legal, bandas super diferentes umas das outras, trabalhando, com discos bem-feitos, sabe? Mas elas não têm espaço nem na mídia local, pois existe um monopólio do axé muito grande. Um dos maiores jornais da cidade de Salvador é do conglomerado do axé. É uma máfia, então a gente acaba não tendo muito espaço. Mas a coisa continua acontecendo, é desse universo que eu venho.

Z- Qual sua formação musical? Você estudou? Toca algum instrumento?

Pitty- Eu fiz faculdade de música durante um ano, depois tive que ir para o Rio porque a coisa toda da gravadora aconteceu e eu dei prioridade pra isso. Eu



Não é só do hardcore, elogia o underground de Salvador e não poupa o Axé

toco um pouquinho, toco guitarra. Eu faço letra e música, no violão, na guitarra.

Z- Suas letras lidam com ideais, como nas canções *Máscara* e *Admirável Chip Novo*. O que você pensa a respeito de influenciar a opinião dos jovens?

Pitty- Eu acho bacana, é uma coisa que sempre me acompanhou, sempre gostei de sons que tivessem alguma mensagem pra mim e encaro isso até de uma maneira despreziosa. A minha idéia não é dizer o que cada um tem que fazer, mas levantar questionamentos.

Z- Você pensa em alguém quando toca? Quem te influencia em letra e música?

Pitty- Nossa... muita coisa. De Velvet Underground até System of a Down, tem coisa velha, coisa nova, som *indie*, metal, eu gosto de música que me emocione.

Z- Qual é a sua opinião sobre a música popular atual, que toca no rádio?

Pitty- A maioria eu acho bem boba, "silly", inclusive rock. Acho bem inofensivo, a palavra é essa. O rock principalmente tem um potencial subversivo muito grande, sempre foi uma música de protesto, desde que o Elvis resolveu chacoalhar as cadeiras e nequinho ficou chapado com aquilo, sempre proporcionou mudanças na sociedade e nas pessoas que ouviam aquele som. Eu acho esse rock meio inofensivo sem graça. Mas é difícil, você precisa ter um sucesso comercial pra poder continuar fazendo o que você gosta, aliar essas duas coisas é difícil. Eu sempre digo que quero vender sem ser vendida, sabe? Poder continuar sendo um sucesso de vendas sem trair o que eu penso, que eu sinto. É esse caminho que eu estou seguindo e espero conseguir ir adiante.

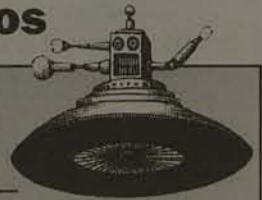
Z- Como vai ser tua música daqui pra frente?

Pitty- Sempre o mais sincero possível, não sei direito porque eu não tenho regras. Não sei se terá alguma mudança radical, mas acredito que os fãs vão entender. Eles me entendem!

Marco Britto

DISCOS

Alternativos



A veterana e os novos talentos



Brazilian groove (Putumayo - distribuição Rob Digital) O selo americano Putumayo vem se destacando por lançar discos de world music nos quais a seleção de músicas sempre surpreende. Seu fundador e diretor, Dan Stopper, costuma dizer que o selo existe para reunir "gêneros musicais que tenham alma, que façam as pessoas felizes e que, às vezes, as convidem à dança". Esse resultado é atingido em cheio nesta coletânea de ritmos brasileiros como bossa-nova, samba-rock e coco, mesclados a batidas eletrônicas. A seleção apresenta Carlinhos Brown, BossaCucanova e Max de Castro, além de nomes ainda desconhecidos do grande público, como Miriam Maria, Rosalia de Souza, Zuco 103 e Electro Côco.

Contato: www.robdigital.com.br



Chico Saraiva - Trégu (Biscoito Fino) Como prêmio por vencer o 6.º Prêmio Visa de MPB, Edição Compositores, Chico Saraiva lançou em 2003 o álbum *Trégu*, agora relançado pela Biscoito Fino. Uma preciosidade. Chico mostra seu talento com igual desenvoltura no choro, samba, bossa-nova e até mesmo no frevo. Das 14 faixas, quatro são instrumentais. Nas demais, às belas melodias e harmonias, somam-se a poesia de letristas como Luiz Tatit, Fausto Nilo e Manu Lafer e a interpretação de estrelas da cena independente como Ceumar, Teresa Cristina, Ana Luíza, Ná Ozzetti, Siba (do Mestre Ambrósio), Marcelo Pretto (do Barbatuques), Juçara Marçal, Luciana Alves e Ney Mesquita. Acompanhando Chico Saraiva (violão em todas as faixas), há músicos do quilate de Mauro Senise, Gilson Peranzetta, Renato Anesi, Proveta, Zeca Assumpção e Siba. *Trégu* é uma mostra de grandes talentos da música brasileira.

Contato: www.chicosaraiva.com.br - www.biscoitofino.com.br



Olívia Hime - Canção transparente (Biscoito Fino) Esse é o primeiro disco totalmente autoral de Olívia Hime, após 23 anos de carreira. Olívia sempre demonstrou elegância e sutileza em suas interpretações. Como letrista, apresenta o mesmo refinamento, e encontra nas melodias e harmonias do marido Francis Hime (que assina 11 dos 14 arranjos), Sérgio Santos e Maurício Carrilho as parcerias perfeitas. Há participações de Lenine, Quarteto Maogani, Tira Poeira e de seus parceiros de composição. Estão ainda presentes grandes músicos como Luciana Rabello, Pedro Amorim, Tutty Moreno e Marcos Nimrichter, só para citar alguns. Olívia apresenta releituras de músicas já gravadas por ela ou Francis Hime em discos anteriores, além de novas composições e uma versão para a balada *Whatever happened to melody*. Há samba, choro, baião, valsa, tango, bolero... e a sempre bela voz de Olívia. Um disco comovente. Contato: www.biscoitofino.com.br



Pagode Jazz Sardinha's Clube - Sardinhas (Rob Digital) Samba, choro e maxixe misturados ao jazz, funk e salsa, tudo com muito suíngue: essa é a receita de Eduardo Neves (sax e flauta), Rodrigo Lessa (bandolim e bandarra), Roberto Marques (trombone), Bernardo Bosísio (violão e guitarra), Edson Menezes (baixo), Marcos Esguleba (percussão) e Xande Figueiredo (bateria). Todos eles já gravaram e tocaram com artistas importantes como Tom Jobim, Hermeto Paschoal, Chico Buarque e Paulinho da Viola. Neste segundo CD, apresentam músicas próprias e releituras de Joana francesa (Chico Buarque), Chorinho de gafeira (Astor Silva) e um pot-pourri com três sambas de Zeca Pagodinho, que participa da faixa que leva o nome do grupo. Contato: www.pagodejazz.com.br - www.robdigital.com.br

Alexandre Machado

Dr. Gonzo surpreende até na morte

A morte de um dos jornalistas mais ousados do século XX agitou as redações de todo o mundo no início de 2005. No dia 20 de fevereiro, aos 67 anos, Hunter S. Thompson usou um revólver calibre 45 para suicidar-se em sua própria casa, em Woody Creek nos Estados Unidos. Ele estava ao telefone com sua esposa Anita Thompson quando ela ouviu o barulho do disparo.

Em carta divulgada à imprensa, Juan Thompson, o filho de um dos precursores do "new journalism" e criador do jornalismo gonzo, pediu discrição e privacidade para lidar com o fato. A polícia investiga o possível motivo da morte, mas alguns amigos do jornalista disseram que ele sofria muito com fortes dores pelo corpo após submeter-se a uma cirurgia no ano passado. Na internet, alguns endereços divulgaram a hipótese de que Thompson também estaria com uma perna quebrada e por causa das dores temia morrer no hospital ou ter a perna amputada.

O fato é que o mundo todo, por um segundo que seja, lamentou a morte violenta de um dos ícones da contracultura americana. Livrarias dos EUA constataram um aumento nas vendas de títulos escritos pelo polêmico autor. Em São Francisco, na semana da morte do jornalista, o dono de um bar grafou em um quadro negro a seguinte frase: "De luto pelo Hunter, 10% de desconto em todas as birritas fortes".

Muitos diriam que esta foi uma homenagem digna ao eterno rebelde que nasceu no estado sulista de Kentucky em 1937 e, desde muito cedo, teve problemas com a lei por causa das bebidas e por atos de vandalismo. O repórter que ultrapassava os limites da reportagem e passava a fazer parte da narrativa dos fatos apostou nesta combinação. Seus artigos, escritos a partir de um enfoque pessoal, misturam realidade e ficção, drogas, bebidas e corrupção, sempre em primeira pessoa, e fizeram com que Thompson fosse reconhecido mundialmente por ser o pai do jornalismo gonzo.

O estilo surgiu ao acaso. Pressionado pelo *deadline* após uma cobertura de corrida mal apurada, Thompson decidiu parar de quebrar a cabeça em frente à máquina de escrever e começou a arrancar páginas do bloco de anotações e mandá-las para o tipógrafo. "Eu tinha certeza que seria o último artigo que faria para alguém", lembrou em uma entrevista à *Playboy*. Em vez disso, a história causou entusiasmo e ele foi inundado com cartas e telefonemas de pessoas que diziam ser uma "revolução no jornalismo", uma experiência que ele comparou a "cair no poço do elevador e aterrissar em uma piscina de sereias". Em vez de ser demitido, Thompson virou celebridade e acabou criando uma nova forma de fazer jornalismo.

O autor escreveu cerca de 10 livros, todos em primeira pessoa. O primeiro deles, o romance *The rum diary* de 1959, só foi publicado em 1998. No Brasil, apenas três títulos foram traduzidos. A estréia foi de *Fear and loathing in Las Vegas*, que recebeu o nome brasileiro de *Las Vegas na cabeça*, que foi adaptado para o cinema em 1998.

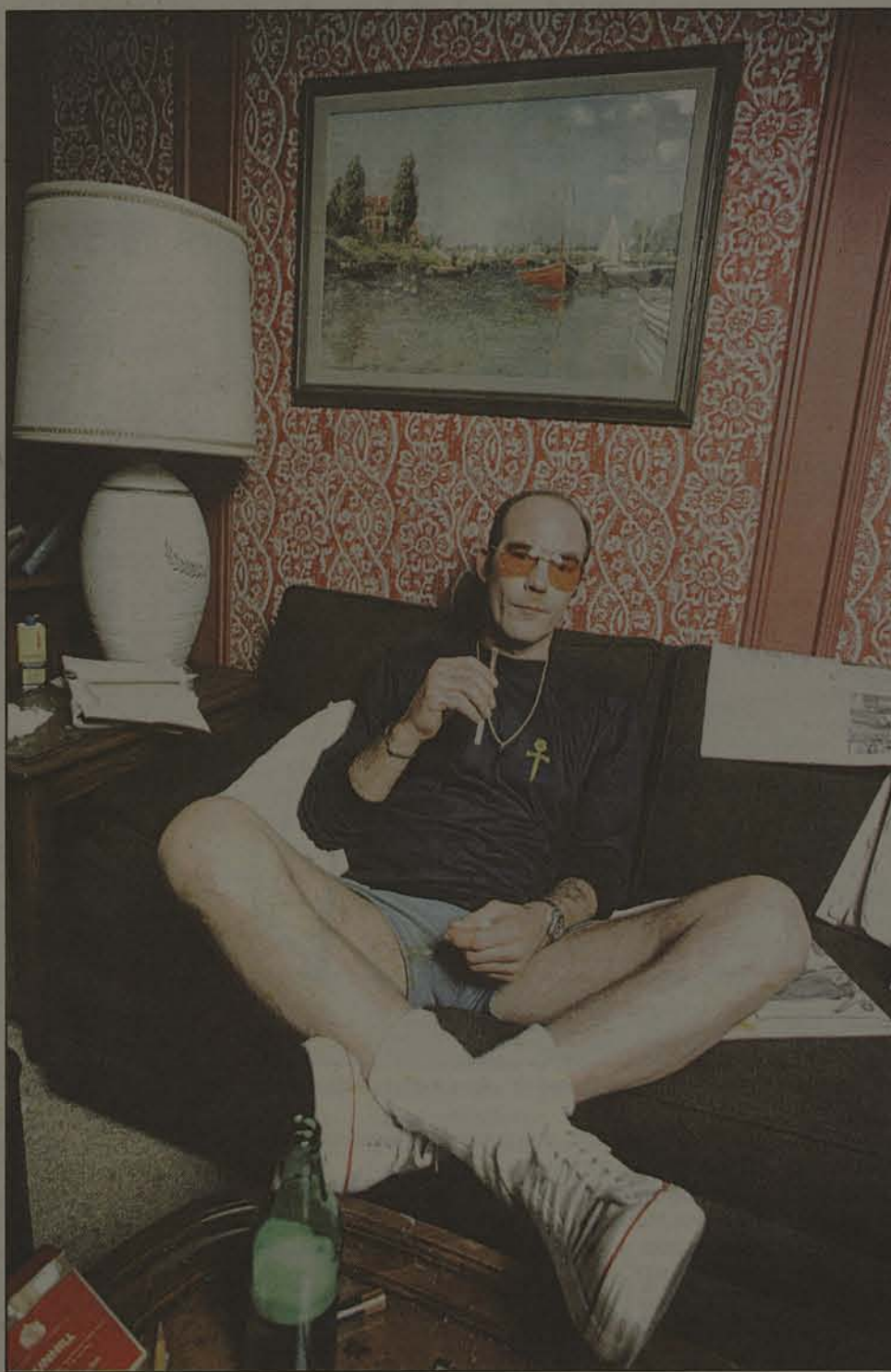
O livro conta uma história na qual o protagonista, uma versão dissimulada de Thompson, vive um fim de semana de loucura e drogas na badalada cidade americana. A frase que abre o livro prepara o leitor para o que vem pela frente: "estávamos em algum lugar perto de Barstow, nos limites do deserto, quando as drogas começaram a fazer efeito". Thompson disse na ocasião que este livro e seus contos sobre o LSD eram o exemplo mais bem acabado do jornalismo gonzo. Porém, mais tarde admitiu que os fatos narrados nunca aconteceram. Apesar disso, as histórias sobre suas experiências lhe valeram a reputação de bêbado, viciado em LSD e inclinado à autodestruição.

Nos últimos tempos, com décadas de atraso, a editora Conrad lançou mais duas edições brasileiras: *Hell's Angels* e *A grande caçada aos tubarões*. O primeiro, de 1966, conta a história de seu relacionamento com o temido grupo de motociclistas californianos. O "doutor Gonzo" acompanhou durante meses os motoqueiros californianos e deles ficou amigo dele. No fim, como os *angels* eram muito violentos, também não pouparam Hunter Thompson, que acabou com dentes e costelas quebrados.

A grande caçada aos tubarões, é uma coletânea de reportagens, artigos e trechos de livros publicada nos Estados Unidos em 1979. Ali estão as principais reportagens que Thompson escreveu, das eleições presidenciais americanas à cultura *hippie*, do caso Watergate à violência policial, além de artigos que contam sua passagem pela América do Sul.

Durante muitos anos, "Dr. Gonzo" viveu na América do Sul trabalhando para vários jornais, especialmente na área esportiva. Chegou no Brasil em 1962, aos 25 anos, à procura de Bill Williamson, que na época era dono do *Brazil Herald*, um jornal de língua inglesa publicado no país. Para chegar ao Rio, Hunter passou por Porto Rico, Aruba, Colômbia e Peru. Foi de Lima, capital peruana, que ele mandou a Williamson uma carta alucinada: "Estou no limite da insanidade. Enfraquecido pela disenteria, atacado por moscas e vermes, sem correio, dinheiro ou sexo. Perseguido 24 horas por dia por ladrões, mendigos, cafetões, fascistas, agiotas, loucos e bestas humanas de toda espécie", lamenta. Mesmo assim, transferido ao Brasil, ficou até abril de 1963, trabalhando para publicações americanas.

O autor da subjetividade jornalística também foi um dos mais marcantes colaboradores de revistas como a *Rolling Stone* e a *Playboy* durante as décadas de 60 e 70. Escreveu matérias e artigos que cutucavam a hipocrisia da América. Depois, ficou famoso com a publicação de *Fear and loathing on the campaign trail '72*, uma seleção de artigos que escreveu para a revista *Rolling Stone* quando cobriu a campanha eleitoral do presidente Richard Milhous Nixon.



Texto de "absurdos" é repleto de humor, sarcasmo e exageros

Muitos escritores ficaram conhecidos mundialmente por mergulhar de tal maneira em suas narrativas a ponto de misturar histórias fictícias com experiências pessoais. Nelson Rodrigues foi o mais célebre dos brasileiros e, de acordo com a brilhante biografia reunida e escrita por Ruy Castro, muito dos enlances cheios de luxúria e morbidade que inspiravam suas crônicas eram respingos de experiências vividas. Os norte americanos John Fante e Charles Bukowski também foram brilhantes ao escrever histórias de personagens que nada mais eram além de alter-egos. No caso de Hunter Thompson, pode-se afirmar que toda a sua fama foi causada pelo ineditismo de misturar em suas reportagens relatos pessoais a fatos reais, o que ficou conhecido como Jornalismo Gonzo.

Gonzo, no original italiano, significa "absurdos", mas em jornalismo reflete um estilo subjetivo, pessoal, repleto de aspás, sarcasmo, humor, exageros e xingamentos. O batismo foi feito pelo repórter Bill Cardoso que ao ver os textos que Thompson enviava para o tipógrafo praticamente brutos, comentou: "Não sei o que está fazendo, mas você mudou tudo. Isso está totalmente gonzo". O termo designa um estilo de grande reportagem cuja captação de informações é feita de forma participativa e a redação é apresentada em primeira pessoa, com largo uso de digressões e sarcasmo, e na qual é muito difícil discernir a ficção da realidade. O estilo é considerado uma vertente do new journalism, praticado no início dos anos 60 por um grupo de jovens repórteres como Gay Talese e Tom Wolfe.

Se os praticantes do Novo Jornalismo seguiam uma série de regras e se mantinham fiéis ao mais elementar dos paradigmas jornalísticos (a distância entre o observador e o que é observado), Thompson queria transpor a barreira essencial que o separava da ficção: o compromisso com a verdade. Também chamado de jornalismo fora-da-lei, jornalismo alternativo e cubismo literário, o gênero inventado por Thompson tinha sua força baseada na desobediência de padrões e no desrespeito das normas estabelecidas, o que contribuiu para que o seu criador logo se tornasse um dos principais ícones da contracultura.

Textos: Jaqueline Li

Thompson define seu estilo

Mais ou menos... e essa qualidade é a essência do que, por nenhum motivo em especial, decidi chamar de jornalismo Gonzo. É um estilo de "reportagem" baseada na ideia de William Faulkner de que a melhor ficção é muito mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo - e os melhores jornalistas sempre souberam disso. Isso não significa que a ficção seja necessariamente "mais verdadeira" que o jornalismo - ou vice-versa - mas que tanto "ficção" quanto "jornalismo" são categorias artificiais. As duas formas, em seus melhores momentos são apenas dois meios diferentes para alcançar o mesmo fim. Isso está ficando meio pesado demais... então é melhor eu parar e explicar, a essa altura, que Medo e Delírio em Las Vegas é uma experiência fracassada de jornalismo Gonzo. Minha ideia era comprar um bloco de anotações bem grosso e registrar a coisa toda enquanto ela acontecia, e em seguida mandar as anotações para publicação - sem edição. Desse jeito, imaginei, o olho e a mente do jornalista funcionariam como uma câmera. O texto seria seletivo e necessariamente interpretativo - mas, uma vez que a imagem fosse registrada, as palavras seriam definitivas. Da mesma forma que uma fotografia de Cartier Bresson é sempre (de acordo com ele) um negativo de quadro inteiro. Nenhuma alteração no quarto escuro, nada de cortes ou aparadas, nada de procurar erros... nada de edição.

Mas isso é uma coisa difícil de fazer. No final das contas, acabei impondo uma estrutura essencialmente ficcional ao que começou como uma peça jornalística convencional maluca. A verdadeira reportagem Gonzo requer os talentos de um mestre do jornalismo, o olho de um artista/fotógrafo e os colhões firmes de um ator. Porque o escritor precisa participar da cena enquanto escreve sobre ela - ou pelo menos gravá-la, ou mesmo desenhá-la. Ou as três coisas. Provavelmente a analogia mais próxima do ideal seria um diretor/ produtor de cinema que escreve seus próprios roteiros, faz seu próprio trabalho de câmera e de algum modo consegue filmar a si mesmo em ação, como protagonista ou pelo menos um dos personagens principais. A mídia impressa americana ainda não está preparada para esse tipo de coisa. A Rolling Stone foi provavelmente a única revista dos Estados Unidos em que eu poderia ter publicado o livro sobre Las Vegas. Mandeí 2500 palavras para a Sports Illustrated - em vez das 250 que tinham pedido - e meu manuscrito foi rejeitado de forma agressiva. Eles se recusaram até a pagar minhas despesas básicas...